

GUARANI KAIOWÁ

PAI TAVYTERA

Olhares Cruzados

Brasil Paraguai



PANAMBIZINHO TE'YIKUE KURUSU AMBÁ REKOPAVE



Homenagem a todos que deram
a vida na luta pelos direitos

dos Guarani, entre eles
SePé TIARAJU,

MARcel De SOUZA TuPã'y,
SAMuel MARTINS, MARCOS
VeRON, DORVAIINO ROCHA,
DORIVAL BeNITeS, XuIITE IOPeS,
ORTIZ IOPeS, ROIINDO VeRA,
GeNIVAIDO VeRA, NÍSIO GOMeS,
zezINHO De AlMeIDA.



GUARANI KAIOWÁ
PAI TAVYTERA

Olhares Cruzados
Brasil Paraguai

PANAMBIZINHO TE'YIKUE KURUSU AMBÁ REKOPAVE

Poema III
MULTIPLICANDO A SEMENTE

Foi Sepé Tiaraju
que pela vida ensinou
multiplicou a semente
da resistência indígena
afirmando sem receios
que “Essa terra tem dono”
pois desde que o vento é vento
desde que o céu é céu
desde que o mar é mar
“Essa terra tem dono”
como quer o Grande Espírito
Ñanderu, o Criador.

GRAÇA GRAÚNA

Poema III
ÑEMBOHETA TEMITY

Sepe Tiaraju voi
Hekove rupi ñane mbo'e
Omboheta temity
Pe ñemombarete ava kuéra
He'i va'ekue kyhyje'ape
Ko “yvy ñane mba'e voi”
Oiko guive ko yvytu
Oiko guive ko ára
Oiko guive yguasu
Ko “yvy ñane mba'e voi”
Oipota háicha ñande ypykue
Ñanderu ñande apo hare.

GRAÇA GRAÚNA





EDUCAR EM DIREITOS HUMANOS não é simplesmente lecioná-los em sala de aula, mas sobretudo inovarmos, buscando formas de vivenciá-los no dia a dia e na convivência com o outro. Por meio do diálogo podemos construir novas formas de articular esses direitos para sua efetiva concretização.

Por isso, é com imensa satisfação que escrevo a apresentação deste livro *Olhares Cruzados Guaraní Kaiowá Pai Tavytera*. O projeto Olhares Cruzados é uma forma de expressão e de comunicação voltada para a construção da educação e da cultura em direitos humanos.

Dar oportunidade a nossas crianças e adolescentes de conhecerem uns aos outros, de participarem de um diálogo intercultural com base nos pressupostos de direitos humanos e, portanto, do cultivo da paz e não discriminação, é nossa obrigação como Estado que pretende incluir todos os seus cidadãos e cidadãs.

Esta edição do projeto Olhares Cruzados une dois vértices da defesa dos direitos humanos muito caros para nosso trabalho: a promoção e a defesa dos direitos de crianças e adolescentes e de povos indígenas. Além disso, reúne grupos de duas nações irmãs, Brasil (Guaraní Kaiowá) e Paraguai (Pai Tavytera), demonstrando que a defesa desses direitos supera fronteiras.

As imagens não demonstram apenas o belo exemplo do conviver, refletem também os desafios para a efetivação dos direitos dessas comunidades. Inúmeras políticas públicas estão sendo desenvolvidas para superar anos de violação constante aos direitos indígenas.

Entendendo o registro civil de nascimento como

ÑEMBO'E DIREITO HUMANOPE, ndaha'úi katuete reme'ante aula, tekotev' rembopyahu opa mba'e reheka ndereko pyahyrã arã ha reiko jave ambue ndive, ñe' rupi ikatúne ñamopu'ã mba'éichapa ja articuláta ikatu haguã ojehu.

Upéichagui, che py'a ite guive ahai achukavo ko kuatia ñe' "Olhares Cruzados Guaraní Kaiowá Pai Tavytera pe projeto Olhares Cruzados ha'e pete' mba'e ñemondoha ñe' ikatu hagua ñamohenda ñemoñe' ha tekópe direito humano pe.

Ñame' mita kuérape ha pyahu ojokuaa haguã hikuái, oñomongueta haguã intercultural direito humano rapo rupive upe háre, oipyhy teko vy'a ha py'a joja, upe va'e ore rembiapo ikatu haguã ombyaty cidadão ha cidadã.

Ta'anga ndochukái teko porã añonte, ochuka ave desafios ojapo haguã direito pe comunidade mba'e. Heta política pública ojapo hína ohasa haguã jeiko asy Guaraní ha Kaiowá kuérape.

Aikuaávo pe registro civil de nascimento ha'e pe direito humanos ramo ikatu haguã ohupyty ambue direito brasileiros, ko secretaria de direito humano ko presidência da repúblicape, oñemo' hikuái parceira pe secretaria de estado de trabalho ha assistência social ko estado de Mato Grosso do Sulpe, ojapo junhope 2011 pe multirão ikatu haguã multirão pe registro ha documentação omoagu' 2740 pehegu' avakuéra ko douradospe.

Avei romba'apo pe conselho de defesa dos direito humana rupive, omo' porã pe caso de violação dos direitos dos povos indígenas

um direito humano essencial para o acesso a outros direitos basilares, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, em parceria com a Secretaria de Trabalho e Assistência Social do Estado do Mato Grosso do Sul, realizou em junho de 2011 mutirão para registro e documentação de aproximadamente 2.740 famílias indígenas em Dourados.

Além disso, atuamos por meio do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana nos casos de violação dos direitos dos povos indígenas com o intuito de articular ações entre diversos órgãos do poder público para a garantia de vida com dignidade e segurança.

Dizem que uma imagem vale mais do que mil palavras, pois deixemos elas falarem por si. Elas trazem um profundo sentimento de esperança pela superação de todas as dificuldades ainda existentes para pleno respeito aos direitos dos povos indígenas, pois refletem o brilho no olhar de crianças e adolescentes

Cruzados, os olhares etnoculturais entre crianças e adolescentes Guarani Kaiowá e Pai Tavytera promovem a compreensão e o alargamento das vivências entre as comunidades indígenas, e estimulam a construção de uma percepção do mundo voltada para a realização dos direitos humanos desses povos.

Desejo a todos os olhares uma boa leitura!

Maria do Rosário Nunes

Ministra-chefe da Secretaria de Direitos Humanos
da Presidência da República

ikatu haguãicha rojapo tembiapo opa órgão do poder público ndive, romyasãi haguã tekov□ porã o□ porã reheve.

Oje'engo ta'anga ovaleve heta ñe'□gui, upe hárehe roheja oñe'□ ojehe voi. Ogueru pe ñemandu'a mbarete ñeha'arõ ohasa haguã opa dificuldades o□va vulteri, ikatu haguãicha imbarete ava kuéra reko, jahecha mitã ha pyahu kuéra resáre, ikatu haguãicha oiko ko'anga oiko porã haguã ha oñorairõ haguã ifuturo iporaã vévare.

Jehasa, tesa kuéra etnoculturais mitã ha pyahu kuéra Guarani Kaiowá ha Pai Tavytera ojapo jekuaa ha ombotuicha teko ambue ndive ko tekohápe ha omombarete omopu'ã tesa pyso ko mundope, ikatu haguã ojapo direito humano ko povo kuéra.

Aipota maymávape ñemaña, pete□ ñe'.

Maria do Rosario Nunes

Ministra de Estado chefe pe Secretaria de Direito
pe Presidência da República





CINCO ANOS SE PASSARAM desde a aprovação da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas. E, neste ano, o Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Kin-moon, em sua mensagem para o Dia dos Povos Indígenas, celebrado em 9 de agosto, enfatizou que os meios de comunicação e o empoderamento das vozes indígenas estão servindo como importantes instrumentos para questionar e chamar a atenção do público em geral sobre os direitos humanos, fomentando assim a solidariedade mundial para com estas comunidades.

Para tanto, o Sistema das Nações Unidas e o governo do Brasil desenvolvem ações significativas como o projeto “Olhares Cruzados”, cujo foco são crianças e adolescentes indígenas Guarani Kaiowá (Brasil) e Pai Tavytera (Paraguai), no âmbito do Programa Conjunto de Segurança Alimentar e Nutricional de Mulheres e Crianças Indígenas – PC-SAN, em vigor desde 2010.

O Programa é uma das 130 iniciativas espalhadas pelo mundo financiadas pelo Fundo para o Alcançe dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (MDG-F), criado graças a uma generosa contribuição do governo da Espanha, com o objetivo de abordar as desigualdades e ter repercussão nas esferas em que as pessoas mais necessitam. Cinco organismos das Nações Unidas contribuem com as experiências em suas áreas específicas: FAO, OIT, OPAS/OMS, Pnud e Unicef. Nesta tarefa conjunta, o governo brasileiro é representado por Fundação Nacional do Índio (Funai), Ministério do Desenvolvimento Social, Ministério da Saúde e Agência Brasileira de Cooperação.

Atualmente o Programa Conjunto contempla, direta e indiretamente, cerca de 53 mil indígenas dos

PO 5 RO'Y OHASA ojeaprova rire pe Declaração das Nações Unidaspe Direito dos Povos Indígena. Ha pe ro'y Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Kin-Moon, pe imomandúpe pe ava kuéra ára, ojapo va'ekue 9 de agosto, ojapo pe ñe' mbuku rupive ha jepyhy guasu umi ava kuéra rembijerure ojehecha hína iporã upérupi ojeporandu, ha ojekuaa uka opa hente kuérape direitos humanos rehegua, omopu'ã upéicha ñepytyvõ guasu yvy ape javeve opa comunidádepe.

Upeháre, ko Sistema das Nações Unidas ha governo Brasil mba'éva omopu'ã tembiapo iporã imbaretéva ko projeto “Olhares Cruzados”, ogueraha ukáva mitã ha mitã pyahu kuéra Ava Guarani ha Kaiowá (Brasil) ha Pai Tavytera (Paraguai), upe Programa Conjuntope Segurança Alimentar ha nutricionalpe kuña ha mitã kuéra pa'ope- PCSAN, ojuhúva pe 2010 guive.

Ko Programa o 130 tembiapo pa'ome oñesarambiva ko yvy apy javeve, oñeme'iva ichupe pira pire, ohupyty haguã ojepotávape Desenvolvimento do Milênio (MDG-F), oñepytyva'ekue pe governo pe Espanha pega rupive, ikatu haguã omba'apo pe desigualdade rehe oguereko haguã repercussão ome hápe, ha umi hente kuéra oikotevava po 5 organismos pe Nações Unidas pega oipytyvõ pe iñesperiências pe omba'po hápe: FAO, OIT, OPAS-OMS, Pnud ha Unicef. Pea pe atýpe, governo brasileiro oñembohepresenta FUNAI, MDS, Ministério da saúde ha ABC rupive.

Ko'anga pe Programa Conjunto ohupyty direta ha indiretamente, ikatune 53 mil indígenas pe municípios de Dourados pe Mato Grosso

municípios de Dourados, no Mato Grosso do Sul, e de Benjamin Constant, Tabatinga e São Paulo de Olivença, no Alto Solimões (AM). Por meio de ações de alcance nacional, o PCSAN também contribui para a garantia dos direitos de mais de 800 mil pessoas que compõem a população indígena brasileira.

Ainda de acordo com as palavras do Secretário Geral das Nações Unidas, convidamos todos os jovens indígenas a fazer uso dos meios de comunicação para criar pontes em um mundo verdadeiramente intercultural, onde as distintas culturas não somente coexistam, mas que também se valorizem de forma recíproca por suas contribuições e seu potencial. Parabéns aos jovens e aos profissionais envolvidos pelo belo resultado deste importante projeto.

Jorge Chediek

Representante Residente do Pnud e Coordenador do Sistema das Nações Unidas no Brasil

do Sul, ha Benjamin Constant, Tabatinga ha São Paulo de Olivença, pe Alto Solimões pe (AM). Tembiapo jehupity nacional guive, pe PCSAN avei oipytyvõ ikatu haguã oipyhy direito 800 mil hente ojavóva população indígena brasileira.

He'i háicha gueteri iñe'ipe Secretario Geral das Nações Unidas, ñahenói maymáva mitã pyahu kuéra ojapo haguã ñemongueta puku oñembohovái haguã pe mundope ikatu haguã intercultural, upépe iñambuéva teko oiko minte haguã oñondive, terã avei oñemomba'e oñopytyvõ haárehe ha imbarete hárehe. Parabéns pyahu kuérape ha profissionais omba'apóva upepe ojapo haguere iporáva pe projeto.

Jorge Chediek

Representante Residente do Pnud e Coordenador do Sistema das Nações Unidas no Brasil





A MENSAGEM QUE ESCREVO para esta edição dos Olhares Cruzados é uma sincera homenagem a todos os Guarani Kaiowá e Pai Tavytera que deram a vida lutando pelo direito de viver na terra que lhes é de direito. Deixo aqui um profundo respeito àqueles que, com a firmeza de uma lança e a solidez de uma rocha, dedicaram sua existência a essa luta, mantendo a alma límpida como a água que brota das pedras.

Uma lembrança carinhosa para todas as crianças e jovens Guarani que participaram desse trabalho, e também para aqueles que partiram cedo, e que, como os lírios, renascem e perfumam a beira de riachos que cortam as terras onde nasceram seus ancestrais.

Gostaria também de incluir uma breve menção ao meu irmão mais velho que, orgulhoso da nossa origem indígena, apelidou o nosso avô de Xingu, e ao longo da vida, com a dedicação de um tekoaharuvicha – mestre tradicional Guarani, guardião da mata –, preservou as nossas memórias de família, relembRANDO-nos das histórias que os anos foram esfumando.

Vivemos hoje uma realidade em que a terra deixou de ser a fonte da vida para muitos em detrimento do enriquecimento de uns poucos, em que o poder econômico tem mais força que a lei, e estamos carentes de lideranças realmente comprometidas com a defesa dos direitos humanos, que nos façam acreditar que a justiça é de fato um direito de todo cidadão brasileiro.

A questão indígena no Brasil, em especial com relação à demarcação da terra, vem sendo negligenciada por sucessivos governantes. A violência e o extermínio de que esses grupos são alvos vêm

KO ÑE'ÑEMONDO ohaíva kóa ko edição Olhares Cruzados ha'e omomba'e che py'a guive maymáva Guarani Kaiowá ha Pai Tavytera kuérape ome'va guekove oñorairövo pe idireito oiko haguã ijyvy'e imba'e teeva. Aheja ko'ápe respeito tuicháva pe hu'y imbarete háicha ha pe ita hatã háicha oñeme'va'ekue oiko javevépe ñorairöpe, akói pe hi'ã pot' reheve pe y os'va pe ita kuágui va'echa.

Pete'ñemandu'a rory porã mayma mitã kuéra Guarani omba'apo va'ekue kóa ko tembiapópe, ha avei umi oho va'ekuépe voiete, ha'etéko yvoty porã ete hérava lírios omohyakuã poráva pe ysyry kóta ohasava pe yvy upépe oiko va'ekue ñane ramó'kuéra.

Amo'se ave ko'ápe pya'e ha porã che ermão ituja véva, ovy'a eteri ore ñamó' haguére ava ame' ichupe herarã xingúpe ha hekove pukukue omba'apo mbarete tekoharuvicha ramo jekoha guasu Guarani, oñangarekóva ka'aguýre oñongatu ñemombe'u ymã guare ñane peheguépe, imandu'áva ñande rekokue rehe ohasáva ro'y ojupipa yvate.

Ko'anga rupi jaiko sarambi kuépe yvy nome'véima tekove oñemborríco págui o'va hente, upépe mbarete oúva economia gui imbareteve pe léigui, ha ndajaguereko véi tendota imbaretéva ha ogueraháva katucte iporã hápe direitos humanos, ojapo haguã jaguero'via jevy pe justiça ha'e maymáva mba'e ko cidadão brasileirope.

Ava kuéra rehegua ñemongueta ko Brasilpe, ja'e tee ramo hína pe demarcação yvy rehegua ou hína ojeheja akói umi governante kuéra rupi. Jeguereko asy ha jejuka ko'áva grupo ou ave

contando com a complacência da sociedade, e também dos homens bons que no silêncio são coniventes com a injustiça e a impunidade.

Desejo que essas crianças Kaiowá e Pai Tavytera que cantam suas cantigas de brincar, e que aqui desenham os seus sonhos, cruzam seus olhares e trocam saberes, consigam escrever o futuro de seu povo com esperança e força capazes de reverter a trágica trajetória Guaraní, pontuada pela expulsão das suas terras, injustiças, assassinatos impunes, suicídios e toda sorte de privações.

É uma caminhada longa, mas é a justa luta pela terra de um povo que traz as mãos calejadas de tirar dessa terra o seu sustento plantando o milho, a mandioca e o feijão na ínfima porção que lhes sobrou desse imenso continente.

Dedico este trabalho a todos os homens simples que, com o olhar firme desconcertam os arrogantes, com sua seriedade desencorajam a deslealdade, e com uma fé inabalável na vida e nas suas tradições enfrentam todo tipo de dificuldades para preservar a Terra para as novas gerações.

A minha total solidariedade aos Guaranis, que sempre acreditaram e continuam acreditando que a vida é um dom divino e a terra é tão viva como os homens.

Dirce Carrion

Coordenadora do projeto Olhares Cruzados

oipytyvõ vai umi sociedade kuéra ndive, ha avei kuimba'e ipy'a porãva kirõõ hápe ombohasáva pe injustiça ha pe impunidade.

Aipota ko'ã mitã Kaiowá ha Pai Tavytera opurahéiva iñe'õ teépe oñembyesaraí jave ha ko'ápe ombojegua pe ta'anga pe oipotáva, ojehasa imaña ha ome'õ ojoupe iñarandu, ikatu ohai hente kuéra renonderã pe ñeha'arõ pópe ha mbarete ikatúva omo'õ porã pe jeha vaipa Guaraní kuéra, oñemos'õ mba'e haguére pe ijyvy árigui , injustiça, jejuka, impunes, jejyvy ha opa mba'e jeguereko asy.

Ko pete'õ jeguata mombyry hína, upe háre há'e iporã pe ñorairõ yvy rehehápe kóa hente kuéra oguerekóva ipo ikane'õva oipe'a etereigui yvygui hembí'urã avati, mandí'o ha kumanda pe michi etereiva ojeheja va'ekue ichupe ko tuicha ete hápe pe yvy.

Ame'õse ave kóa ko tembiapo maymávape kuimba'e imich'õvape, omaña mbarete ramo omongu'e umi kuimba'e ipochývape, upe ikatu hárehe añetegua omo'õ vai pe heko vaíva, ha ijerovía imbaretéva pe tekove rehe ha pe gueko ete rehe o enfrenta opa mba'e rasy omo'õ porã haguã yvy ko'ã peh'õguépe.

Che amombaretese voi Guaraní kuérape, ombotee haguére akóinte, ombotee pe tekove oñeme'õ va'ekue ha yvy oguereko guekove ha'ete kuimba'e.

Dirce Carrion

Coordenadora do projeto Olhares Cruzados



GUARANI KAIOWÁ

PANAMBIZINHO TE'YIKUE KURUSU AMBÁ

GUARANI PAI TAVYTERA

REKOPAVE

OS GUARANI¹ OCUPAVAM, quando da chegada dos primeiros colonizadores, no século XVI, um amplo território nas terras baixas da América do Sul, que iam desde o litoral de Santa Catarina, ao longo do rio Paraguai, Paraná, entre outros, chegando até as franjas da cordilheira dos Andes. Após a constituição dos estados nacionais, os Guarani confrontam-se com a crescente penetração de novas frentes de ocupação de seu território, alterando, profundamente, as suas condições de vida. Lançando um olhar sobre esse longo processo que se segue à implantação dos estados nacionais, percebe-se que os tempos, as formas e os impactos sobre os Guarani da ocupação do território indígena e da exploração de sua mão de obra mostram-se crescentemente diferenciadas em cada estado nacional, no decorrer do século XX, adquirindo, porém, características mais próximas e comuns no final desse século e início do século XXI, em decorrência da presença, em ambos os lados da fronteira do Brasil e do Paraguai, de uma nova frente de ocupação, caracterizada pelo agronegócio.

Retirados dos cenários nacionais mais amplos, o destino dos Caaguá (ou Montesés), que viviam na mata, passa a ser decidido no contexto restrito das frentes de expansão interna de cada país. São postos à margem do processo de desenvolvimento e de ocupação de seus territórios, sendo considerados apenas como eventual mão de obra e/ou como estorvos a serem eliminados. Os novos estados ignoram e se omitem ante os direitos indígenas à terra, apesar da incipiente legislação, que surge lentamente a partir do início do século XX, buscando garantir estes direitos.

Curiosamente, tanto no Paraguai como no Brasil,

GUARANI KUÉRA OIKO va'ekue oguãh□ ramo guare mbaíry kuéra século XVI pe, tuicha eterei ñande retã ko yvy porã América do sulpe. Pe yvy ñeypyr□ ituichakue yguasu rembe'ygui Santa Catarinape, ysyry guasu Paraguai kótare, Parana ha ambue, oguah□ yvy aturu guasu guýrehe hérava Cordilheira dos Andespe. Oñeypyr□ jave ojejapo estados nacionais, Guarani kuéra yvy omonda pa umi karai kuéra, omoambuepa ave gueko kuéra. Ñamondo ramo ñande resa mba'éichapa oñeypyr□ estado nacionais, jaikuaa hína mba'éichapa ojapo Guarani kuérape oipe'a rire ijyvy ha avei omomba'apo asy ichupe kuéra, tuichave rei oho pe estado nacionais javeve. Ko século XXI pe oñembopypukuve ha oñemombareteve, upéicha ojeguerohai guarani kuéra ko século XXI pe oiko hárupi ko Brasil ha Paraguáipe, ko mba'e ko'anga rupi oñembohéra pyahu agronegóciope.

Jaípe'a ramo ñande reságui pe cenário nacionalgui, mamópa ohóta Caagua (terã montese), oiko va'ekue ka'aguýre, ohecha ichupe ambue país pe ojetopa ramópe pe frente de expansãoope. Omo□ ichupe pe desenvolvimento ha ocupação renondépe pe ijy'yvy kuéragui ha oikotev□ hese omba'apo haguante terã nomo□ porãiva ha ojepe'a va'erã. Estado ndohechasei terã naimandu'a sei direito indígena rehe, ijyvy rehegua, ndahetai o□ idireito ha o□ ramo lei oho hese mbegue terei, ko século XX pe omo□se ramo ichupe idireito.

Upéicha Paraguai ha Brasilpe umi tuicha empresa oipe'ava recurso naturais (erva mate ha madeireira) oñemo□ngue Guarani ha Kaiowá





as grandes empresas de exploração de recursos naturais (erva-mate e madeiras), instaladas dentro do território Guarani, Kaiowá e Pañ, apesar da violenta exploração da mão de obra, acabam sendo fator de resguardo de grande parte deste mesmo território até a metade do século XX, por impedirem projetos de colonização da região, que poriam em risco seu monopólio e não terem um “projeto civilizatório explícito e nem de colonização”. Já bem diferente é a situação criada pela Colônia Agrícola de Dourados, CAND, em Mato Grosso do Sul, MS, no Brasil, um projeto claramente colonizador que, além de ocupar o território Kaiowá e efetuar o seu desmatamento, tem a presença de colonos, o que traz toda sorte de constrangimentos ao modo de vida indígena.

No Brasil, a demarcação de pequenas reservas, por parte do Serviço de Proteção aos Índios, SPI, entre os anos de 1915 e 1928, relativamente próximas a cidades e vilarejos, para aldear os índios Guarani e Kaiowá, traduziu-se na liberação do território indígena para a colonização e a redução dos índios em reserva de mão de obra. Esse processo gerou inúmeras mudanças no cotidiano indígena, em especial, criou desafios novos para a sua organização social. Precarizou, profundamente, a sustentabilidade dos índios aí localizados, tornando-os, crescentemente, dependentes das políticas de segurança alimentar do governo e do aporte de recursos externos. Transformou povos que, durante séculos, produziram alimentos não só suficientes, mas abundantes, como atesta a documentação histórica, dependentes do fornecimento de cestas básicas e de toda a sorte de ajudas externas.

Como já afirmado , os Guarani Kaiowá espalha-

terá Pañ yvýpe, ojapo ramo jepe mba’aporã upehárehe oñongatu ijy’yvy pe século XX peve, ndohejai rehe oike projeto de colonização upépe, upéicha ramo omoñ ramo’ã monopólio ha ndaipóri peteñ projeto “civilizatório ojehecha haguã ha avei colonização”. Iñambue va’ekue oñemoñ ramo guare pe Colônia Agrícola de Dourados, CAND, Mato Grosso do Sul,MS Brasilpe, pe projeto colonizador oipe’a rire Guarani Kaiowá yvy oitypa ka’aguy, ha oñ ave colonos kuéra ha upéa ombogue ohóvo Guarani kuéra reko ete.

Brasilpe pe demarcação michñ ete reserva ojapo va’ekue upéva Serviço de Proteção ao Índio SPI, ojapo va’ekue pe 1915 ha 1928 peve ha omoñ va’ekue cidade ha vilarejo kótare, ombó’yvy uka mbaretépe ava Guarani ha Kaiowá, upeháre oheja ijy’yvy tee upe colonização pe oipyhy haguã ha oguerupa reserva pe ichupe kuéra, ojejapo tembiaporã ichugui, upe mba’e omoambuepa hekópe, tekotevñ upeháre ojejapo mba’éichapa ñanemoñ porã pyahúta upépe.

Oñemoñ vaimba pe sustentabilidade rehegua ha ojekopa pe política de segurança alimentar pe governo mba’e rehe ha okáguio recurso externo rehe. Omoambue Guarani reko, ymave rupi, ojapo va’ekue heta tembi’u oiko porã haguã, upéicha omombe’u documentação histórica, ko’anga ojeko cesta básica rehe ha ñepytyvõ okáguio oúva rehe.

Ko’ápe oñemombe’u háicha Guarani ha Kaiowá oñesarambi va’ekue pe núcleo macro familiarespe, ndojeko véi avave rehe, oñemohesakã va’ekue ichupe kuéra ñanderu

vam-se em pequenos núcleos macrofamiliares, autônomos, sob a autoridade dos mais velhos, ñanderu ou tekoharuvicha, líderes de perfil marcadamente religioso. Quando a situação em determinado espaço, por diversas razões, se tornasse inadequada, buscavam outros espaços, dentro do mesmo grande território. Novas aldeias se constituíam. O processo de confinamento obrigou esses núcleos a buscarem abrigo nas reservas demarcadas pelo SPI, que, para administrar esses “ajuntamentos” de índios e aldeias, criou a figura dos capitães, líderes indígenas mais familiarizados com o modo de vida ocidental, nomeados, arbitrariamente, líderes máximos dentro das reservas. Dessa forma, além de conviver e disputar lotes cada vez mais reduzidos com outros grupos macrofamiliares, tinham que se submeter à autoridade de lideranças estranhas.

O aumento, verificado nos últimos anos, da violência interna e dos índices de suicídio entre esses índios, é, certamente, um indicativo importante para avaliar o grau de tensão e profundo mal-estar dentro das terras indígenas. Essa violência é, inclusive, uma das causas para os deslocamentos de muitas famílias para a beira de estradas e/ou periferias urbanas, percebidas pelos índios como únicos espaços nos quais ainda é possível, embora em condições precárias, deslocar-se, ou desenvolver a prática do *oguata* (caminhar), em casos de conflitos e/ou tensões de diversas ordens.

Antonio Brand

Professor, indigenista e historiador

terã tekoharuvicha, tendonta imarangatúva. No□porã véi jave oiko hápe oho va’ekue ambue tekohápe pe tekoha guasúpe. Upéicha ojapo tekoha pyahu. Ojapo ramo guare confinamento opa ambue pehegue oñembyaty pe reserva indígenape, upéva ojapo va’ekue SPI, omosambyhy haguã opa pehegue tekoha herava “aldeia”, ojapo ave uperamo guare “capitão”, ha omombarete ichupe SPI kuéra. Upéicha tekotev□ oiko há avei oikotev□ yvy michime ha oiko arã ave ambue mburuvicha ndive.

Heta jahecha oiko vaipa ñande rekohápe ñane hente kuéra, heta o□ ojejukáva, oiko asýva, upéicha jaha jaiko asypa ko’anga rupi ñande rekohape pe jeiko asy he’ise ñasarambi haguã mo’ã ha heta ohóva opyta tape kóta rehe avei cidade rehe, upea ha’e mante oñekañy, opa mba’e jeiko asýgui.

Antonio Brand

Professor, indigenista e historiador

1 São três os grupos guarani que mais se destacam: os Mbyá, os Ñandeva ou Chiripá e os Kaiowá (ou Pai Tavytera, no Paraguai), sendo que, no Brasil, somente os Ñandeva ou Chiripá se autoreconhecem como guaranis.



GUARANI – DA RESISTÊNCIA AO FUTURO

Quando a invasão começou,
há mais de quinhentos anos,
ninguém poderia imaginar
que os que vinham pelo mar
ou pela mata não eram deuses,
pois começavam a matar
os povos deste continente,
gente que vivia feliz e contente!
Houve os que reagiram com flecha
ou tacape ou borduna,
e depois até com arma de fogo,
como foi a luta do heroico Sepé Tiaraju
e seu exército Guarani, das Missões dos
Sete Povos!

Porém a astúcia e a força das armas
dos fuzis, canhões e doenças
exterminaram milhões de Guarani
e outros povos que aqui viviam.
Essa crueldade continua ainda hoje,
estão matando de muitos jeitos,
porém não conseguem arrancar
a alma dos Guarani Kaiowá,
armados com sua cultura,
deuses, heróis e seus guerreiros,
hoje armados de caneta, computador,
desenhos, fotos, poesias
e a voz profética do futuro,
do marane'ei, da terra sem males.

GUARANI ÑEMOMBARETE HAGUI TENONDÉPE

Oñepyr □ jave oguãhe karai kuéra
Pe quinhentos ro'yho jave, avave ndoikuaái
Pe oúva yguasu rupi
Terã ka'aguy rupi ndaha'éiva ñandejára
Oñepyr □ rehe
Ñande re'ýi, o □va ko continente pe,
Oikóva, ovy'áva ha ipy'a guapýva!
O □va opu'áva ichupe kuéra hu'y reheve
Pe tacape reheve terã bordúnape,
Upéi ave pe arma de fogo reheve
Pe ojehu va'ekue ñorairõ guasu ramo
Sepe Tiaraju
Ha pe exercito guarani o □va Missões dos
Sete Povos!
Upeháre ipya'e ha arma imbarete véva
Fuzis, canhões ha mba'asy
Ojuka milhões Guarani kuérape
Ha ambue kuérape oikóva ko'arupi.
Umi mba'e ojehu gueteri ko'anga
Ojuka opáicha
Upe háre ndaikatúi oipe'a
Pe ñande anga Guarani Kaiowá.
Oñemombaretéva guekópe.
Ñanderu guasu ha imbarete véva ha oñorairõva
Ko'anga rupi oñemombarete caneta,
computador,
Desenhos, ta'anga, ñe' □ poty
Ha ñaha'arõ mbarete ou va'erã rehe,
Mba'e porã marane' □va, pe yvy iporáva.



SE OS GUARANI ESTÃO sendo conhecidos mundialmente pelo altíssimo índice de violência em que se debatem as comunidades, também deveriam ser reconhecidos pela força, beleza e grandeza de sua cultura e religiosidade, o que lhes permitiu atravessar esse mar de guerra de mais de quinhentos anos.

De heróis da resistência se projetam como povos do futuro. Escreveram uma das mais belas histórias dessa América, Abya Yala. Sempre foram muito ciosos de sua autonomia e liberdade. Nas missões jesuíticas se projetaram pela sua enorme sensibilidade artística, sua grande capacidade de produzir alimentos e pela alegria permanente de seu povo.

Hoje o Grande Povo Guarani, dividido em pelo menos seis povos, com mais de 300 mil pessoas no Paraguai, Argentina, Bolívia e Brasil, estão construindo uma articulação e organização política ímpar, que é o Conselho Continental Guarani. Uma forma de unir as forças da grande Nação Guarani, fragmentada e dividida pela criação dos estados nacionais.

Está em curso, a partir do primeiro Encontro Continental Guarani, realizado por ocasião da comemoração da resistência e sacrifício de Sepé Tiaraju e seus mil e quinhentos guerreiros exterminados pelas armas de Espanha e Portugal, um importante caminho de união e apoio político entre os povos Guarani. No terceiro Encontro Continental, realizado em Assunção, formaram o Conselho Continental Guarani. Estão avançando na organização da luta e da esperança, pois, se resistiram durante cinco séculos de invasão, querem agora ajudar a construir um futuro melhor, não apenas para seu povo, mas para Abya Yala (Américas) e o mundo.

OJEKUAÁ HÁICHA Guarani Kuéra yvy apy guive oiko asy ha oiko vai eterei ha, upehárehe ojekuaa va'erã imbaretaha, iporãha ha tuichaha pe heko ha imarangatuha, upéicha rupi ohasa pe ñorairõ guasu pe quinhentos ro'yho.

Oñemombarete ha oikuave'ã ñanendive tenonderã, ohai iporãva tapykuere ko américape, Abya Yala. Akói oiko imbarete pýpe ha vy'ápe. Pe Missão jesuíticagui oñembokatupyry opa mba'e jejapo avei, oñoty tembi'urã ha tory opa'ũpe.

Ko'anga rupi ko tuicha povo Guarani, oñembyja'o pote'ã (seis) te'yípe, o'ã hína 300 mil Paraguaipe, Argentinape, Boliviape, ha brasilpe, omopu'ã ave pete'ã ñeñopytyvõ guasu ha ñemoiporã, pe Conselho Continental Guarani. Upéicha oñombyaty mbarete pópe pe Grande Nação Guarani oñembyesa'i va'ekue, ojejapo jave estado nacionais.

Omboguata hína iñypyr'ã guive pe primeiro Encontro Continental Guarani, ojehe va'ekue pe comemoração oñemombarete ha ojejuka ramo guare Sepe Tiaraju pe mil e quinhentos guerreio reheve ha omohundipa ramo guare Espanha ha Portugal kuéra, oipykúi hína upe háre tape ñembyaty, ñembojoaju, política kuéra Guarani Kaiowá. Ko mbohapy aty encontro Continentalpe ojehe va'ekue Paraguáype (assunçãope), omo'ã hikuái Conselho Continental Guarani. Oho hína upéicha tenonde ñamo'ã porã, lútape ha tuicha ñeha'arõ oñemombarete háicha pe po (cinco) séculope, pe ojepe'a va'ekue yvy ha ko'anga ñamopu'ã ñane mba'e teéva ñeha'arõ, ndaha'ei katuete ñandéve minte, terã Abya Yala (américape) ha yvy apy guive peguãã.

Em tempos de aceleradas mudanças climáticas que constituíram a pauta principal da Rio+20, que reuniu representantes de mais de 150 países, e em paralelo à megaconferência oficial, esteve se desenvolvendo a Cúpula dos Povos, em que as organizações da sociedade civil do mundo inteiro lançaram seu grito de alerta e mostraram que outros caminhos, que não o sistema capitalista neoliberal mundial, são possíveis e urgentes para salvar o planeta Terra. Os Guarani dos diversos países estiveram lá levando sua contribuição e dando seu grito contra a guerra secular.

Egon Heck

Missionário do CIMI (Conselho Indigenista Missionário)

Ko'anga oñemoambuepa ára ohovo, upéva rehe oñemoguetáta pe Rio+ 20pe oñemboatýta upépe 150 mburuvicha guasu, opa tetã guigua. Ijypýrupi oikóta tuicha aty governo mba'éva oñta ave Cúpula dos Povos, upépe opa sociedade civil yvy apy guive osapukáita ochukávo tape pyahu, ndaha'éiva sistema capitalista neoliberal mundial, ikatu arã ha pya'éke ñamo porã haguã ñane planeta. Guarani heta tetã megua oñmeta ave upépe ha ogueraháta mba'e porã upépe ha osapukáita pe guerra secular pegua rehe.

Egon Heck

Missionário do CIMI (Conselho Indigenista Missionário)































PANAMBIZINHO



A ALDEIA GUARANI KAIOWÁ de Panambizinho está situada a poucos quilômetros da cidade de Dourados no Mato Grosso do Sul, possui uma área de 1.208 hectares, onde vivem cerca de 450 pessoas. A área foi declarada de ocupação tradicional e posse permanente dos índios em 1995, mas só em 2004 foi homologada.

O projeto Olhares Cruzados no Panambizinho envolveu 20 crianças, que participaram de oficinas de desenho, fotografia e redação de entrevistas com personalidades escolhidas por elas para representarem a comunidade. Essas atividades foram realizadas no mês de março de 2012, para coincidir com a Festa do Milho, chamada de avatikyy, um ritual em que acontece o batismo do milho novo, e que ocorre todos os anos de fevereiro a março, quando as espigas começam a madurar.

O Panambizinho é reconhecidamente, dentre as cerca de 50 aldeias Guarani Kaiowá da região, a que mais preservou seus rituais na forma original. Em meio à miséria e à opressão, os cantos tradicionais resistem guardados por xamãs, que lutam para recuperar as terras que pertenceram aos seus antepassados.

A Festa do Milho tem a duração de três noites. A sexta-feira é dedicada aos rituais religiosos e sagrados. No sábado e no domingo acontecem a festa social e as danças do Guahu e Kotyhu. Segundo a tradição oral, a festa é homenagem ao deus Tupã, que decidiu ir embora da terra recém fundada deixando para os Kaiowá o milho saboró, e deve-se então rezar e fazer a dança do milho antes de consumi-lo para garantir fartura nas próximas colheitas.

TEKOHA GUARANI Panambizinho pega o ñme hina pe cidade Dourados kóta ete rehe Mato Grosso do Sul pe, oguereko pete ñ área 1208 hectare, upépe oiko 450 hente. Upe yvy ojechuka ava tekoha ha ha'e kuéra imba'e teeha voi pe 1995pe, upe hárehe pe 2004 pe ha'e oho oñemo'ologa.

Projeto Olhares Cruzados Panambizinho pe omba'apo 20 mitã o ñme va'ekue ojapo oficina pe ta'anga jegua, fotografia, ha kuationa jehai ha ñeporandu umi hente ojeoporavo va'ekue ha'ekuera rupive oñe' ñ haguã comunidade rérape. Upe tembiapo ojejapo va'ekue jasyapýpe 2012, ikatu haguãicha oiko ojeju jave avati kyry upéva hina ñembo'e ojejúva avati ñemongarai, upéva ojeju hina opa ro'y jasy moko ñ jave ha jasyapy peve , ipekyta jave avati.

Panambizinho ha'e ojechuka ambue kuérape, umi 50 tekoha Guarani Kaiowá pa' ñme, oñemombarete véva gueko ymã guare. Jeiko asy pa' ñme ha jejopy umi porahéi oikove oñeñongatúgui umi ñande ru kuéra rupi oñorairöva ikatu haguã oiko jevy tekoha guasu ymã guarépe upépe oiko va'ekue ymã guare ñane ramo ñ.

Pe avati kyry oiko mbohapy pyhare peve. Pe ára pote ñpe ojeपुरahéi ymã guarépe imarangatu véva. Arapokó ñ ha arate ñpe oiko jeroky guasu ha kotyhu. He'i háicha iñemombe'ukue, pe vy'a guasu ombotee ñane ramo ñ guasúpe oho va'ekue yvýgui ojapopa ramo jave oheja Kaiowá kuérape avati morot ñ, upe háre opurahéi va'erã ha ojapo arã avati kyry ha ho'ue' ñ jave ikatu haguãicha hi'a porã jevy ambue ro'yúpe.



CRIANÇAS DA ESCOLA INDÍGENA MUNICIPAL PAI CHIQUITO

ALISON SEVERINO AQUINO BERTO AQUINO JORGE BEIBLA APARECIDA RIBEIRO DANIELE
DA SILVA CONCIANZA ELIANA EVA LOPES EMERSON DA SILVA VERGA GILBLEI RIBEIRO
PERITO GIOVANI JORGE AQUINO JEFERSON DA SILVA CONCIANZA LEIDE DA SILVA PEDRO
LUZIANE JORGE AQUINO NEIENE ALZIRO JORGE RAQUEL DA SILVA PEDRO RONY CONCIANZA
SAMARA APARECIDA DA SILVA TALITA DA SILVA JORGE TATIANE SEVERINO AQUINO



PANAMBIZINHO



PANAMBIZINHO



TERRA SAGRADA

A terra para nós Guarani e Kaiowá é o suporte que sustenta toda esta natureza, principalmente a mata. Ela cobre a terra como se fosse nossa pele e dessa forma deixa-a fértil gerando vida para todos que respiram e acreditam nela.

A terra para nós é a mãe, o mato é nosso pai e através deles é que fomos gerados. A água que corre na terra é como se fosse nosso sangue que corre pelo nosso corpo através de nossas veias, no entanto ele corre e evapora no ar se transformando em nuvens as quais se transformam em chuva a qual volta a cair na terra para regar a vida alegrar as plantas fecundar e fazer germinar as sementes para dar continuidade a vida de todos os seres vivos, ela é o local sagrado onde buscamos nosso sustento, desde o remédio, frutas, peixes e animais de caça para se alimentar, matéria-prima para fazer a casa, lenha para fazer fogo e cozinhar os alimentos. Tudo isso fazia parte da nossa vida, vivíamos sem sermos dependentes de políticas emergenciais, vivíamos caminhando por todo o território e éramos felizes.

Mas com a chegada dos não índios, os quais chamamos de branco, a mais de 500 anos eles vêm nos matando aos poucos, destruindo nossa fonte de vida, destruindo nossa mãe. Tiraram o que é de mais importante para nós, a terra, a mata e os rios estão todos poluídos, dessa forma já não nos dá nosso sustento, como peixe, não temos mais água limpa para beber como era no passado. Hoje vivemos em áreas demarcadas pelo governo e para preservar nossos hábitos alimentares, nossos costumes, tradições e religiosidade é uma dádiva aqui em Panambizinho, pois muitos irmãos

YVY MARAN~E~Y

Yvy ore Guarani Kaiowápe ha'e mata omombaretéva opa mba'e ova yvy ape ári, ka'aguy. Ka'aguy oaho'i yvy ha'etéko ñande pire ha omombarete ikatu haguãicha ojapo ñemoñare maymávape ipytuhva ha omomba'éva ichupe.

Yvy oréve ha'e ñandesy, ka'aguy ñanderu, upéicha rupi ñande apo. Pe y osyrýva yvy pa'rupi ha'ete ñande ruguy osyrýva ñande rete rehe pe ñande ruguy rape guasu rupi, upe hárehe ha'e osyry ha ojupipa vytytu rehe oikóvo ichugui arai upéicha ojejapo ichugui amã ha oky, ha ho'a jevy yvy rehe omyak haguã tekove ha ombohory haguã tymbyry ha omoheñoi temit'ra'i ombojoapy haguã tekove oikovéva guive, ha'e tekoha marangatu jaguerúva upégui ñane mbareterã, pohã ñana, yva, pira ha mymba ka'aguy jakaru haguã, ambue mba'e jajapo haguã oga, jepe'a tatarã, ha ñambojy haguã tembi'u. ko'áva ova'ekue, jaiko va'ekue jajeko ope políticas emergenciais rehe, jaiko va'ekue jaguata ñande tekoha guasu rehe ha javy'apa va'ekue.

Oguah'rire umi karai kuéra, ñahenóiva ichupe kuéra morot'pe, oúma hina 500 ro'yma, ñande juka hina ymã guivéma mbeguekatúpe, omohundipa tekove mata, omohundi ñandesy. Oipe'a iporã ha imbarete véva ore hegui, yvy, ka'aguy ha ysyry, iky'a vaipa opyta, upéicha ndaikatuvéi ome'oréve pira ro'u haguã, ndajaguereko véima y pot'jai'u haguã ymã guaréicha. Ko'anga rupi jaiko yvy ome'va'ekue governo ha romoingove gueteri haguã ore reko, ore jekaru ha ñande reko marangatu

já não contam com a mesma sorte, vivem, mas não têm espaço para conviver em harmonia.

Nós temos nossa língua, nossa reza, nossa dança, nossa pintura, nosso conhecimento e sabedoria para dar continuidade ao planeta porque nós somos admiradores da beleza que Deus fez, por isso nós somos denominados de Yvy Poty (flor da terra), os remanescentes do Nhandejara, o Criador da Nossa Mãe Terra, por isso até nos dias atuais rezamos e cantamos nos Jerosy Puku e Mbyky, para alegrar o espírito do Avati Moront (Milho Branco) e assim garantir fartura e saúde para nosso povo Kaiowá.

Anastácio Peralta “Ava Kuarahy Rendyju”

Guarani Kaiowá, professor da Escola Municipal Indígena Pai Chiquito

ha'e iporãva ko Panambizinhope heta ñanderu ndoiko véima ñande apytépe, oiko terã ndoguerekói yvymi ovy'a haguã upépe.

Roguereko ore ñe'ẽ, ore purahéi, ore jeroky, ore jegua, ore arandu ikatu haguã akóinte tekove renda haguã ko planeta, ore ha'e roguero'va kuaáva mba'e porã ñanderu ojapo va'ekue. Upeichagui oñehenói uka yvy potýpe (flor da terra), ñandejára ra'yre, ojapo va'ekue ñandesy yvy, upéarehe ko'anga rupive roñembo'e ha ropurahéi pe jerosy puku ha jerosy mbykýpe, ikatu haguã rombovy'a avati morot (Milho Branco) ha romo heta tembi'u ha tesãi ñande kuéra Kaiowá kuérape.

Anastácio Peralta “Ava Kuarahy Rendyju”

Gruarani Kaiowá, professor da Escola Municipal Indígena Pai Chiquito



Terra

VALDOMIRO AQUINO

Pai Chiquito, porque antigamente já era assim, ele fazia Kunumi Pepy, ele animava um pessoal da comunidade da aldeia Panambizinho, chamava o povo dele fazendo. Hoje me preocupa porque ele morreu logo, porque que o Chiquito e o Paulito, ele se foi. Eu também tava dizendo, porque ele lutava por nós, o Pai Chiquito e o Paulito, Lauro Confiança também lutava por nós. Como ele lutava? Ele chamava o povo dele e por causa que ele tem conhecimento do canto e reza como que ele vai rezando pra passar todas as maldades que existia assim na aldeia. O Pai Chiquito ele também ajuda o Paulito, ajuda o Lauro. Como é que ele lutava? Ele segurava a serra pra nós. Ele lutou muito por nós, pra ele concedia muito a terra que até hoje a gente está vivendo, por causa disso.

A nossa luta foi muito longa, e começa a luta pela reivindicação para o governo federal. Pra retornar a aldeia indígena. O Valdomiro diz que dentro dos 60 anos, muita briga, coisas os fazendeiros entre os colonos. E já foi a reivindicação para a Funai e para o governo federal.

O Valdomiro diz que depois de 60 anos foram conhecendo a aldeia Panambizinho, porque eu fui correndo atrás, a luta não é brincadeira, correndo e foi muito cansativo, mas, mesmo assim, eu consegui para comunidade Kaiowá no Panambizinho. E também consegui o nome da aldeia Panambizinho, e depois mais refletir pra fazer uma demarcação também, correndo atrás também. E até que nós estamos agora na área que foi demarcada. Pra fazer a demarcação, foram 11 anos, muito correndo, luta.

VALDOMIRO AQUINO

Pa Chiquito ymã rupi upéicha va'ekue, ha'e ojapo va'ekue Kunumi Pepy, omokyre' hente kuérape ko tekoha Panambizinho pegua, oñehenó va'ekue hente kuéra ojapo haguã.

Ko ára rupi ajepy'apy ha'e omanoma, Paulito ha Pa Chiquito, ha'e kuéra ohóma. Che avei ha'e kuri, ha'e kuéra oñorãirõ ñande rehe hápe. Mba'éicha oñorãirõ? Ha'e ohenó hente kuéra oguerékógui iñarandu purahéi ha ñembo'e pegua, upéicha ha'e opurahéi oipe'apa haguã mba'e vai o va tekohápe. Pa Chiquito oipytyvõ avei Paulítope oipytyvõ Laurope. Ha'e oñorãirõ heta ore rehehápe ome' heta yvy oréve ko'anga rupi ore roiko hína ha'e ipytu rehe.

Ore ñorãirõ heta oho oñeypyr ore ñorãirõ ojerure ramo guare Governo Federalpe. Rojeyv jeyv haguã Aldeia Indígena. Pe Valdomiro he'i pe 60 ro'y hápe heta ñorãirõ fazendeiro kuéra ha colono kuéra ndive. Romondóma ore emijerure Funáipe ha Governo Federalpe.

Valdomiro he'i pe 60 ro'ype roikuaa aldeia Panambizinho, ahágui hapykuéri, pe ñorãirõ ndaha'éi ñembojaru. Ha ñane mokane'õ, upe háre ñakonsegui pe comunidade Kaiowá Panambizínhope. Avei aipyhy héra Tekoha Panabizinho, upéi oñemohesa mondo ojejapo haguã demarcação avei. Ko'anga ro méma pe área ojedemarca haguépe. Ojapo haguã demarcação, oho 11 ro'y, heta jeguata, ñorãirõ.



Cultura

S. NELSON, D. IVONE, NAILTON

É, realmente você tem que lidar bem com a cruz e isso é muito importante para nós Kaiowá, nós temos que rezar, nós temos que cantar. Porque tava lembrando assim, a gente tava lembrando que a água vai acabar, tem que rezar, porque esse conhecimento que foi deixado pra nós, a história, nós tem que guardar na cabeça, porque vai acontecer mesmo, não só pra mim vai acontecer, pro índio, pro branco, vai acontecer. Por isso temos que rezar, porque esse água que vai acabar... porque quem reza, quem canta, vai ter água; quem não reza, que não canta, não vai ter água. A importância de como é que o mundo vai acabar e o mundo não vai acabar só pra mim, vai acabar pra todos, pro branco, pra nós Kaiowá Guarani.

Eu me preocupo por onde que eu vou colocar essa cruz pra cantar, pra dançar, pra rezar. Mas eu vou fazer a minha casa, pelo menos a minha casinha pra levar a cruz aonde que eu vou colocar, porque meu objetivo rezar, cantar, como é que agora eu vou me lidar com esse cruz.

Porque hoje em dia acontece muito suicídio, violência. Por causa que hoje em dia não tem mais rezadores como eu tô rezando aqui em casa. Por isso que eu me preocupo muito com esse problema que tá tendo por aí, violência, droga, suicídio, homicídio. Porque nós tem que rezar pra não acontecer isso, por isso que nós estamos morrendo, por causa da família, não é só o Guarani Kaiowá, mas o branco também, pior, tá morrendo muito por aí, por causa desse problema.

Lembro do Kunumi Pepy, porque lá na escola, na aldeia antiga também existiam, cantavam tevi Kunumi Pepy pra furar o lábio, mas eu não sei se o Paulito deixou pro filho o conhecimento sobre o Kunumi Pepy.

S. NELSON, D. IVONE, NAILTON

Tekotev□ jaguereko kuaa pe kurusu upéa iporã eterei ñande kuéra kaiowápe, ñande tekotev□ ñañembo'e, japarahéi mante arã. Che mandu'a kuri upéicha ore mandu'a kuri pe opataha, tekotev□ japurahéi, kóa arandu ojeheja va'ekue ñane ndive, ymã guare, tekotev□ ñañongatu ñane akãme umía oikóta voi ndaha'úi chévente oikóta, ñande kuéra avápe, karai kuérape oikóta. Upe háre tekotev□ japurahéi, ko'a y opata... ko'ã opurahéiva , oguerekóta y , ndopurahéi veima , ndoguereko mo'ãi y. Ko yvy opataha ko'ã yvy ndopa mo'ãi cheve mi, opáta maymávape, karai kuérape, ha ñandéve Kaiowá Guarani.

Ajepy'apy che mamo aha hárupi amo□ ko kurusu aporahéi haguã ajeroky haguã, añemobo'e haguã. Upe háre ajapóta ogarã, che róga imirá aguereko haguã pe kurusu mamópe amo□ta porque che aporahéise añembo'e mba'éicha che aiméta kóa kurusu ndive.

Ko'anga rupi oiko eterei jejuvy, jeguereko asy. Umía oiko ndaipóri véigui opurahéiva. Ko che aporahéi háicha ko che rógape. Upéa rehe che ajepy'apy eterei ko'ã problema rehe oikóva upérupi, jeguereko asy, droga, jejuvy ha jejuka. Ñande tekotev□ japurahéi ndoikói haguã ko'áva, upéichagui ore romano rohóvo, ñane peh□gue, ndaha'úi Guarani Kaiowánte, avei umi karai kuéra, hetave omano ohóvo hikuái, ko'ã problema oikógui.

Che mandu'a pe kunumi pepýre, ko'ape mbo'erógape, tekoha ymã guarépe oiko va'ekue opurahéiva te'yi Kunumi Pepy ombokua haguã hembe, che ndaikuaái Paulito ohejapa ita'yрэpe arandu Kunumi Pepy rehegua.

PANAMBIZINHO



Alimento

DONIZETE, MARIANO, PEDRO

Depois dos 4 anos que eu comecei a trabalhar aqui no Panambizinho, mas antes eu não tinha condição pra mim trabalhar, pra plantar as coisas aqui na minha área. Eu tô cuidando da minha planta, depois que eu plantei, tem que tomar cuidado com as plantações, porque se você não cuidar, as formigas pega muito as folhas e se perde depois, complica pro dono. Se você não cuidar, as suas planta morre tudo. Você tem que cuidar bem das suas plantas, pra nascer bem e cuidar bem depois disso.

Eu comecei carpi daqui até a saída ali lá da frente, na frente da minha casa. Comecei a plantar melancia, ramo de mandioca. Depois que comecei a morar ali, primeira casa, eu plantava batata, mandioca e a melancia. Aquela mandioca que eu plantei, já faz 4 anos já, mas não comecei ainda a mexer em mandioca. Eu peguei essas plantas de lá da minha avó, na aldeia de Água Rita e trouxe de lá e comecei a plantar aqui perto da minha casa.

Depois que você plantou, tem que aguar direto, todo dia. Depois que nasceu, aí você vai aguar também, continua aguando. Aí depois é como você vai cuidando de criança. O milho, depois que ele nasceu, você pode utilizar o veneno, mas talvez não utiliza o veneno, porque não é certo pra você passar veneno pro milho. E os remédios do milho, o kuaramadata ou taracué.

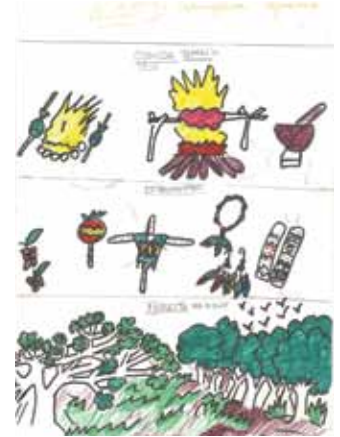
DONIZETE, MARIANO, PEDRO

Upe irundy ro'y rire che añeypyr□ amba'apo ko'ápe Panabizinho pero ante ndaguerekói mba'eve amba'apo haguã, añot□ haguã opa mba'e ápe ko che áreape". Añangareko che remit□ rehe, añot□ rire tekotev□ ñañangareko ñane remit□ rehe, nereñangarekói ramo tahí kuéra oikytimba neremit□ rogue ha reperdepa, ocomplica ijárape. Nereñangarekói ramo neremit□ omanomba. Reñangareko porã va'erã neremit□ rehe, heñó□ porã haguã ha reñangareko upéi.

-che añeypyr□ ko'ápe ko'agui amo tenonde peve, che roga renondépe, añeypyr□ añot□ sandia, mando'o rama. Upéi añeypyr□ aiko amo, che primeiro che roga che añot□ jety, mandi'o ha sandia. Pe mandi'o añot□ va'ekue, ojapo hina irundy(4) ro'y, upe háre ndajavykí gueteri. Che aipyhy pe temit□ che jarígui, pe tekoha Agua Ritagui ha agueru upégui añeypyr□ añot□ ko che róga kótare.

Upéi reñot□ rire, reñongatu arã direto, opa ára. Henó□ rire upépe reñongatu arã avei, akói reñongatu arã. Pe reñangareko háicha umi mitã. Avati, reñó□ rire, ikatúne reiporu veneno, avei iporã ndereiporúi veneno, naiporãi rembohasa veneno avati rehe ha pohã avati mba'e, o kuaramadata terã taracué.

PANAMBIZINHO



Educação

VALDOMIRO, PROFESSOR ANARDO

Valdomiro diz, antigamente tem cacique poderoso, ele cura as doenças, manda o mal embora, reza, todo dia, a tarde, a noite, porque o pai ensina as crianças a reza os cantos, batiza as crianças, não tem doenças, manda embora as doenças, não existe doenças, não existe doença grave aqui na aldeia Panambizinho antigamente. Antigamente cacique falava pra respeitar pessoa, pra respeitar mais velhos, pra respeitar mais novos, Valdomiro falo. Também, pra nós pra conversar bem com a colega, com a comunidade, naquela época, a gente ia com caçique e trocava idéias. Antigamente não existe a escola na aldeia Panambizinho, porque falta o reconhecimento da FUNAI e do Governo Federal, e falta educação porque não tem reconhecimento antigamente falta a escola. Depois, quando completou 6 anos, aí a escola já compareceu para trazer aqui na aldeia Panambizinho. Eu e meu parceiro fomos a Campo Grande falar com a FUNAI pra trazer a escola na aldeia Panambizinho. Antigamente a FUNAI indicava professor pra dar aula na aldeia Panambizinho, criança depois dos 6,7 anos já tem escola aqui na aldeia Panambizinho. As filhas dos colonos que deram aula pra gente antigamente, ela chamava Zemir, as filha dos fazendeiro. Depois a FUNAI foi reconhecendo a aldeia Panambizinho e foi dando apoio para a comunidade na aldeia Panambizinho Kaiowá. Tem que ter muito dinheiro pra estudar com os branco, precisa ter muito dinheiro guardado porque é muito preconceito do branco, pra comprar materiais, roupas do branco.

Através do nosso conhecimento indígena, os pais, mães, os mais velhos, passam conselhos, que foram passados pelos nossos avós. Pelo diálogo o nosso conhecimento indígena vai sendo passado de pai para filho e agora a escola continua.

VALDOMIRO, PROFESSOR ANARDO

Valdomiro he'i, ymã ñanderu imbarete va'ekue, ha'e kuéra omboguera hasýva, omondopa mba'e vai opurahéi opa ára, pyhare ave, ombo'e itua kuéra mitã kuérape opurahéi haguã ha omongarai mitã, ndaipóri mba'asy, omondopa mba'asy, ndaipóri mba'asy ivai véva ko Panambizinho ymã. Ymã ñanderu he'i hente kuérape omboete haguã hapicha, ituja vévape, ombotee haguã ipyahu véva Valdomiro he'i. he'i ave oréve roñemongeta kuaa haguã ore irõnguera ndive, ñande reko hapegua ndive ave, upe ramo guare ore roho arã roñemongeta ñanderu ndive. Ymã rupi ndaipori mbo'eróiga pe tekoha Panambizinho, FUNAI ndohechai va'ekue tekoharã ha governo federal ave, ndaipóri mbo'eroga upeagui. Upéi ojapo jave pote ro'y, upéi mbo'eróga oúma oike ko tekoha Panambizinho. Ymã rupi FUNAI omo mbo'erogarã ha mbo'ehararã ombo'e haguã ko tekoha Panambizinho, mitã oguereko jave 6 terã 7 ro'y oikéma mbo'erógape Panambizinho. Umi colono ra'yre oiko mbo'ehára ramo ha oporombo'e ymã rupi, ha'e héra va'ekue zemir, ha'e fazendeiro kuera rajy. Upei FUNAI oho ohecha pe tekoha Panambizinho ha omombarete pe te'yí kuéra peko Panambizinho Kaiowá.

Tekotev reguereko heta viru re estuda haguã karai kuéra ndive, tekotev heta regureko viru oñeñongatúva, karai kuéra oguereko eterei ae'ava kuéra rehe, rejogua haguã kuation, ao karai mba'e. Ñande arandu rupi, ñanderu, ituja véva, ombohasa ñe' porã, oñembohasa va'ekue ñane ramõ rupi. Ñemongeta rupive ñande arandu oñembohasa itúa ita'yrape ha ko'anga mbo'eróga akói ojapo upéa pe tembiapo.

PANAMBIZINHO



Saúde

D. ARDA

Como que meu pai, ele deixou tudo pra mim, os cantos, a reza. Eu quero aprender mais ainda pra deixar pros meus netos, netas. Se puder aprender. Eu canto, eu rezo até a pessoa parar de ficar doente. Eu sei tudo de curar, eu curo a pessoa. Busca o remédio medicina e procura aquela árvore que tem aurea (sic), árvore de Santa Maria, pega aquele remédio e traz, faz uma água quente e você vai dar um banho na criança pra curar. Aquela doença que faz um mal, espírito mal, espírito que ninguém cura. Só os rezador, que ele reza e a pessoa cura. Antigamente indígena busca só um remédio do mato, medicina. Por quê? Porque ele tem conhecimento do remédio medicina. Nenhum mulher não faz cesariana e nem faz operação no hospital. Por quê? Porque ele sabe tudo remédio medicina do mato. Hoje em dia o remédio é do branco já, como que eu falei? Já pode começar tomando remédio do cara branco, porque tem doutor, tem enfermeira e nós já esquecemos o remédio do mato, remédio nativo indígena. Porque a criança hoje em dia bem magra, criança desnutrido hoje em dia? Antigamente nós conhecíamos o mel, o mel do mato. Por isso que o seio da mãe cheio de leite, pra criança tomar leite da mama da mamãe. E a pai hoje em dia não tem as plantação na roça dele, como vai buscar alimento pras criança? Como as criança vai alimentar? Não tem trabalho hoje em dia, bebe só pinga, alcoolismo, mãe e pai. Porque a mãe não sabe desenvolver o filho, nos alimentos, na reza, nos cantos, a tradição. Por quê? Não sabe! Hoje em dia acabou, porque a mãe correndo pela estrada, não sabe onde vai entra, o que vai comer, a hora que vai comer. Mas mesmo assim nasce ainda. Depois que ela ganhou o nenê, você tem que dar remédio natural pra ela melhorar e pra ela se desenvolver assim, pra ela recuperar, né, a mulher, quando acabou de ganhar nenê, ela fica fraca, então tem que tomar mesmo remédio natural.

D. ARDA

Che ru, ha'e oheja chéve, purahéi, ñembo'e. che aikuaaseve voi aheja haguã che remiarirõ kuérape. Ikatu ramo aikuaa. Che apurahéi ha añembo'e ndahasy véi haguã umi hente kuéra che aikuaa paite amonguera haguã, che amboguera hente kuéra. Agueru pohã ñana ha aheka amo yvyra ova urunde'y, yvyra de santa maria, reipyhy pe pohã ha regueru, rejapo ytaku ha rembojahu mitã okuera haguã. Upéa pe mba'asy ojapo mba'e tirõ, umi mba'e avave nomboguerái. Umi oporahéiva mante oporahéi ha omboguera. Umi rupi umi ava oguerúva pohã ñana tee voi. Ma'erã? ha'e oguereko arandu pohã ñana rehegua. Ndaipóri kuña ojapóva sezariana ha ndojapoi operação hospitalpe, ma'erã? Oikuaágui pohã ñana ka'aguy pegua. Ko'anga rupi umi karai pohãntema, ha'e háicha? Oñepyrama ho'u pohã karai mba'énte, o doutor, o enfermeira ha ñande resaráima pohã ñanágui, pohã nativo ñane mba'éva. Ko'anga rupi o mitã ipirúva, mitã desnutrido ko'anga rupi? Ymã rupi roikuaa va'ekue eíra, ka'aguy pegua. Upéicha gui umi sy titi heta oguereko kamby, mitã kuérape ho'u sy kamby. Tua kuéra ko'anga rupi ndoguereko véima kokue, mba'éichapa ohóta ogueru tembi'u mitãme? Mba'éicha mitã ho'úta? Ndaipóri trabalho ko'anga rupi ho'u kaña mante ika'u sy ha tua. Sy ndoikuaa véima ome' tembi'u tee imembýpe, ha ombo'e ñembo'e teépe, purahéipe, ha teko etépe. Ma'erã? Ndoikuaágui, ko'anga rupi, sy oziparapa pe tapérehe, ndoikuaái moópa ohóta, mba'épa ho'uta, mba'e hórapa okarúta. Upéicha ramo jepe onasce hína. Oganá ríre imemby, reme' mante arã pohã ñana ikatu haguã hesái porã ha imbarete porã haguã upéicha...ojehekupera haguã, kuña oganapa ríre mitã opyta ikangy, upéicha ramo ho'u mante arã pohã ñana.

PANAMBIZINHO



TE'YIKUE



A ALDEIA GUARANI KAIOWÁ de Te'yikue, localizada no município de Caarapó, agrega cerca de 1.000 famílias, o que totaliza cerca de 5.000 pessoas – cinco vezes a população inicial que teve a área de 3.594 hectares demarcada pelo serviço de Proteção ao Índio – SPI, em 1924.

A comunidade possui cinco escolas que atendem a maioria das crianças e adolescentes da aldeia, sendo uma delas estadual e as demais mantidas pelo município. É importante destacar aqui a importância dos professores indígenas no processo de aprendizado, dado que todos os estudantes são falantes da língua materna – o guarani.

O projeto Olhares Cruzados em Te'yikue foi realizado em março de 2012, e envolveu diretamente um grupo de 25 crianças e adolescentes que participaram de oficinas de redação de entrevistas, fotografia e desenho para, posteriormente, formularem perguntas às pessoas da comunidade com o objetivo de retratar o cotidiano da aldeia em cinco eixos: cultura, terra, educação, saúde e alimentação.

Para a realização dessas atividades, contamos com a parceria da Escola municipal indígena Nandejara, e com o apoio do Ponto de Cultura Teko Arandu, que na língua guarani significa “lugar de cultura sábia”.

O local constitui-se em um espaço de apoio aos programas de formação de professores e de desenvolvimento de atividades multidisciplinares, bem como produção audiovisual e espaço de reflexão sobre a história dos Guarani Kaiowá, seu cotidiano, arte e cultura. Como centro de pesquisa, documentação, cultura e arte, desenvolve o levantamento, digitalização, catalogação, e divulgação dos Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul.

TEKOHA GUARANI KAIOWÁ Te'yikue ome município Ka'arapópe ome avei upépe 1000 família ha 5000 hente, hetakue 5 vezes pe tekoha iñeypyrōpe ha yvy tuichakue 3594 ha. Ojedemarca pe Serviço de Proteção ao Índio-SPI, 1924 pe.

Comunidade oguereko po (5) mbo'eróga ha omba'apo heta mitã kuéra ha mitã guasu kuéra, ko tekohápe, ha avei o equipe mbo'eróga estadualva ha ambue kuéra município peguáva. Ko'ápe iporã ñamohesakã mbo'ehára ava rembiapópe ñembo'épe, upépe maymáva oñe' ijayvu Guarani teépe.

Pe Projeto Olhares Cruzados Te'yikuépe ojejapo va'ekue jasyapýpe (março) pe ro'y 2012pe, ha omba'apo upépe pete' aty mokói papo (25) mitã ha mitã guasu kuéra ha ojapo pe oficina pe kuation jehai puku, ñeporandu fotografia ha ta'anga jegua upéi katu omo' porã ñeporandu ave comunidade pe ikatu haguã omo' upépe tekoha rehegua mba'éichapa jaiko pe po (5) ambue ñemongueta guasúva: teko, yvy, ñembo'e, tesãi ha je'upy.

Ojejapo haguã upéape tembiapo roikotev' kuri mbo'eróga ñepytyvõ rehe pe mbo'eróga municipal ñandejára ha avei ñepytyvõ Ponto de Cultura Teko Arandu rehe, ñane ñe' teépe he'ise “arandu renda”. Upépe hína o' ikatu haguã oipytyvõ mbo'ehára kuérape, ha ojejapo haguã tembiapo ñepytyvõpa guasu, ha ojejapo haguã ta'anga ryrýi ha avei ñemohesa mondoha upépe ñande reko ymã rehegua Guarani Kaiowá mba'éva, heko, heko ymã. Avei upépe o' Centro pe jehesa reko, jehai kuation rehe, teko ojapo ave ñemopu'ã, jehai computador rehe, catalogação, ha divulgação dos Guarani Kaiowá pe Mato Grosso do Sulpe.

CRIANÇAS DA ESCOLA INDÍGENA MUNICIPAL ÑANDEJARA POLO

ALEXSON MANOEL ANA MARIA FERREIRA MARTINS CAROLINE BENITES DIANA CAVALHEIRO
ORTIZ EDINALDO GONÇALVES ELENIDO BENITES VERA ELIANE ROSA FABRIEL DA SILVA
FABRIELISON VERÁ HEMERSON CAVANHA ISLORVANI MENDES JAQUIELISON DA SILVA JAZÂNIA
BENITES JAZEIAS BENITES JEFÉRSO TORRES JOACKSON ALVARENGA JONÍLSON RIBEIRO
BARBOSA JOSIANE ARAUJO COLMAM JOSILENE ALMEIDA MARTINS KATICILENE COLMAN
PAULO LEIANE MENDES LORISLENE QUEVEDO POLIANA PEREIRA SUELEN CAVALHEIRO





A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA TE'YIKUE

A terra indígena Te'yikue localiza-se no município de Caarapó, Mato Grosso do Sul, Brasil, com área de 3.594 hectares e população estimada de 4.524 pessoas, segundo os dados do Posto de Saúde de Zacarias Marques. A área natural se encontra bastante modificada pelo aumento significativo da população nas últimas décadas e as explorações madeireiras impostas pela política de desenvolvimento da região.

A base da economia tradicional é a produção de alimentos, como milho, mandioca, batata, feijão, banana, cana, cará e muitos outros. As comidas típicas são feitas a partir destas plantas, como a chicha (bebida feita a partir do milho), mbaipy (tipo de polenta), locro (milho acompanhado com carne de caça), vori vori (bolinho cozido), chipa (bolo assado na cinza quente) e muitos outros. A caça e a pesca também eram as principais fontes de alimento, os bons meninos eram preparados para ser um bom caçador e conseqüentemente para ser um bom chefe da família.

A educação para nós, Guaraní Kaiowá, é a incessante busca da perfeição humana através da vivência na religiosidade tradicional ñande reko marangatu (nosso jeito de ser sagrado), esta prática envolve todos os momentos da vida das crianças, dos jovens, das mulheres e dos homens a partir da orientação dos mestres tradicionais, o tekoaharuvicha (o condutor do nosso jeito de ser). As cerimônias mais significativas são kunumi jehecha, (batismo da criança), kunumi pepy (iniciação dos jovens), avati kyry (festa religiosa da colheita do milho) e são divididos em dois momentos, jerosy mbyky (canto e dança mais curta)

TE'YIKUÉPE MBO'EHÁRA KAIOWÁ

Tekoha Te'yikue ome município de Caarapó Mato Grosso do Sul Brasilpe, tuichakue 3594 hectare ha hente oi upépe 4524, upéicha omombe'u Posto de Saúde Zacaria Marques, ha ka'aguy ndahetavéi ko ro'yhópe. Heta ovendepa araka'e, umi omandáva raka'e.

Ha tembi'u yma guare oiko va'ekue avati, mandi'o, jety, kumanda, pakova, takuare'□, kara ha heta mba'égui. Avei ojejapo va'ekue chicha, mbaipy, locro, vori vori, chipa ha ambue kuéra ave, o□ va'ekue avei ombarikáva ha ojepekáva upérupi ogueru haguã hi'upyrã, kunumi oñembo'e va'ekue ombarika kuaa haguã ha oiko haguã ichugui jeko harã ramo.

Guaraní Kaiowá oñembo'e ikatu pyry haguã teko porãme ha oguereko haguã ñande reko marangatu, upe mba'e omomba'e guasu arã kunumi, mitã guasu, kuña ha kuimba'e kuéra tesambyhy rupive umi ñande ru kuéra rupi hérava tekoharuvicha. Ojejapo ave ojehechava kunumi, kunumi pepy, avati kyry ha o□ mokói jerosy, jerosy mbyky ha jerosy puku.

Ojepe'a rire ñande hente kuéragui ijy'yvy ha ojejopy pa rire ambue peh□gue tekoha pyahúpe, opa ka'aguy, avei oñembokaraipa hente kuéra, upéicha tuicha eterei oñemoambue ñande rekoha ha ñande reko, avei upéicha oho pehegue ha ñande re'yi kuéra. Avei oñemoambue ñande arandu ha ñane mba'e kuaa, karai arandu rupi ñañemohekorã jahávo, karai mba'e kuaa ñamomba'eve , upéicha oñemobohasy ñandéve ñande rekoha imbarete jevy haguã.

Upe pa'□me o□ escola indígena ko tekoha Te'yikuépe ha oñemombarete avei omombarete



e o jerosy puku (canto e dança mais longa que vai até o dia amanhecer).

Com a perda dos territórios tradicionais e a sobreposição das famílias extensas (que é a base da organização social e política) em um espaço reduzido (segundo alguns autores chamam de confinamentos), diminuição drástica dos recursos naturais e com a relação cada vez mais próxima com a sociedade envolvente, vivemos uma grande mudança na nossa realidade e, nesta mudança, foram construídas as famílias e as gerações. Neste processo estabeleceram mentalidades e visão de mundo filtrados pela política e pela lógica ocidentais de desenvolvimento, dificultando muitas vezes a reconstrução da sustentabilidade e protagonismo na perspectiva indígena.

Neste contexto a escola indígena na aldeia Te'yikue assume papel fundamental a partir da preocupação de construir uma nova forma de manter a identidade e se estabelecer como povo diferente no contexto homogeneizador, direcionado pelos professores indígenas a escola surge como espaço de diálogo das identidades e conhecimentos, isso, porque vivemos em mundos globalizados e a escola é o espaço onde podemos dialogar o nosso jeito de ser com os conhecimentos universais. Para isto, desconfiguramos o tipo de escola formal estabelecida e construímos espaços estratégicos que possibilitam as práticas educativas com metodologias tradicionais Guarani Kaiowá: construímos a Unidades Experimentais, Casa de Reza, Pontos de Culturas, Orquestra de Violão Guarani e Fórum de discussão anual.

Lembrando que desde a alfabetização no ensino fundamental até o ensino médio é trabalhada a

ségui ñande reko ha jachuka haguã ñande reko ete ko'anga rupi, imbarete mbo'ehára rupive ombojoapypse arandu ambue ndive ñande arandu, upéicha jaha ko árape, escola ha'e pete ñemongueta pa guasu ambue teko rehe. Upéicha tekotev ñamopu'ãmba mbo'eróga jaikuaa háicha ombo'e haguã ñande re'yipe, ñande ñañembo'e háicha Guarani Kaiowá, upéicha rojapo Unidade Experimentais, Oga Guasu, Ponto de Cultura, Orquestra de Violão Guarani ha Fórum.

Ñane mandu'a avei pe iñeypyr me alfabetizaçãope pe ensino fundamentalpe, ensino mediopeve, oñemba'apo ñane ñe'e rehe hérava ñe'e iñeypyr (primeira língua), pe escola fundamental ombo'e 1200 mbo'epy ha 300 ensino médiope, ha mba'e mba'épa ombo'e arandu oñembohasa ñane ñe'e teépe ijave ave ambue ñe'pe (língua portuguesa). Pe ñembosako'i oñondivepa tembiaporã rehe oguerúva temas geradoras ojejapóva mbo'ehára kuérogui pe horas atividades jave, upéicha oñemohesakã metodologias ñemopu'ã kuéra escola indígena.

Hesakã porã mamo umíva, ñamombarete ñande reko, ñane ñe', tojehu ñande direito, ñamopu'ã tenonderã iporãva ñane arandu rupi, ko'áva ñambosako'i ñane renonderã ha ñamo ñamoneypyr educação rupive, javy'a ñande rekohápe ndaija'éi ramo jepe ñande rehe hikuái, upéva hína ñande raperã tañane kankye'na, upéicha Kaiowá Guarani he'ise ñorairõ(luta), ha tekotev ñamopu'ã akóinte upéva pyahu kuéra rehe, ikatu haguã nomboguéi haguã mba'érepa ñande ypykue

língua guarani como a primeira língua, a escola fundamental atende mais de 1.200 alunos e mais de 300 no ensino médio, os conteúdos em diversos campos de conhecimento são ministrados prioritariamente na língua guarani concomitante com a língua portuguesa. A preocupação do planejamento coletivo a partir de temas geradores definidos pelo grupo de professores nos momentos de horas de atividades são características metodológicas adquiridas ao longo do tempo no processo de construção coletiva das escolas indígenas.

Compreender a realidade na qual estamos vivendo, afirmar a nossa identidade, a nossa forma de ser, a língua, efetivar os nossos direitos, construir perspectiva de vida a partir da nossa lógica, são alguns horizontes que pretendemos buscar e apostamos na educação, ser feliz na nossa própria terra onde ser considerado estranho é um grande desafio, mas não é impossível, por isso, ser índio Kaiowá é sinônimo de luta e precisamos reavivar constantemente este espírito aos jovens para fazer jus à luta de muitas lideranças que foram assassinadas e injustiçadas, justiça significa dar continuidade à luta. Acreditamos não mais na busca e sim na construção da terra sem mal, no contexto plural da realidade.

Eliel Benites

Kaiowá Guarani, mestrando em Desenvolvimento Local

oipotã va'ekue ha upe háre ojejuka va'ekue.
Ndajaguerovia véima jahecha yvy marane'ũ,
tekotevũ ñamopu'ã ko'anga rupive.

Eliel Benites

Kaiowá Guarani, mestrando em Desenvolvimento Local



Terra

IZAEL ALMEIDA QUEVEDO

Trabalho como cacique na liderança da aldeia. Estou há 37 anos que eu tô morando na aldeia, nasci aqui e já estou ficando velho aqui.

Vou falar um pouco do que eu fiquei sabendo do meu tio. Antigamente era fácil de demarcar terra. Para começar, fizeram um grupo de teste e foram para Brasília. Lá, você tem que levantar uma madeira bem pesada, aí você já ganha. Se você conseguir, você ganha a terra. Hoje em dia já mudaram muito, você tem que se acampar, ficar onde você quer ficar, no lugar escolhido. Tem hora que o fazendeiro expulsa você do local, hoje em dia já não tá mais fácil. Nossa aldeia começou quando no ano de 1918. Em 1924, começaram a demarcar essa aldeia. Marechal Rondon e João Pedro Marques veio para essa aldeia com Zacaria Marques, que era a liderança daqui e vieram para demarcar a nossa aldeia. Os brancos juntaram os indígenas num lugar onde vivemos atual até hoje.

Agora mais difícil, porque os fazendeiro têm que mata alguns pessoa, os índio. Os fazendeiro e agora, fazem assim mesmo, agora difícil, agora tem que tirar as vida das pessoas, aí depois que já integrou as terra.

IZAEL ALMEIDA QUEVEDO

Amba'apo tendota ramo ko tekohápe. Aime 37 añoma aime hague ko tekohápe anasce ápe voi ha che tujáma hína. “amombe'úta michimi aikuaa va'ekue che túagui. Ymã rupi ndahasýi va'ekue odemarca yvy, añepyr□ haguã ojapo va'ekue grupo de teste ha oho hikuái brasíliape. Upépe tekotev□ rehupi yvyra ipohýiva upéicha ramo reganáma. Rekonsegui ramo reipe'áma yvy. Ko'anga rupi iñambue páma, nde tekotev□ reñeacampa, repyta reimese hápe, reiporavo pyrépe. O□ hora umi fazendeiro nemos□ upégui ko'anga rupi hasy opa mba'e. ore rekoha oñepyr□ va'ekue 1919 pe. Ha 1924 pe oñepyr□ va'ekue odemarca. Marechal Rondon ha João Pedro Marque ou va'ekue ko tekohápe Zacarias Marques ndive. Marechal Rondon ha João Pedro Marques ou va'ekue ko tekohápe, ha'e raka'e liderança ko'ápe ou odemarakávo ko aldeia. Umi karai kuéra ombyaty ava kuérape ko'ápe ñaime haguãme.” “ko'anga hasyve, fazendeiro kuéra ojuka umi hente kuérape. Umi fazendeiro upéicha voi ojapo hasy ko'anga, oipe'a ava kuéra rekove rañe ome'□ haguã yvy.



Cultura

CACIQUE LÍDIO SANCHES

Casa de reza a gente construiu para que nós caciques mostrássemos como a gente vivia antigamente para os jovens saber um pouco de como era antigamente. Para que jovens, crianças possam ainda saber um pouco do nosso modo de viver, para que não acabem. Hoje em dia os jovens, as crianças, já não estão escutando mais os mais velhos. Por isso estou aqui dando entrevista, para que um dia possam ouvir, para que as crianças possam saber como era o nosso modo de viver. Falo para crianças e jovens, como eles devem andar e como devem ser. Então a gente conversa muito com os mais novo para que possam aprender e a gente possa passar um pouco do nosso conhecimento para eles. Porque eu tenho muitas coisas, sei remédio tradicional, de como curar uma doença, sei tudo também sobre a história da Lua e do Sol. Já tenho 60 anos, ainda não sou aposentado. Estou aqui ainda, mas vivo muito tradicionalmente. Então a meta é passar esse conhecimento tradicional mostrando essa casa de reza e trazer um pouco do nosso conhecimento. Eu já sou muito velho, e acho que as crianças podem aprender ainda um pouco da reza, e assim conseguir aprender o seu canto, sua reza. Por isso eu canto e rezo para os mais novos, crianças e idosos. Eu sou um cacique que batizo crianças. Já batizei 49 crianças.

Agora eu vou contar a história da Lua e do Sol. Muita gente antigamente convivia com o Sol e a Lua ao mesmo tempo. Muita gente já estava cansada de conviver com a Lua e o Sol, já não podiam dormir e fazer outras coisas, por isso, pediram para escolher apenas um em um período.

CACIQUE LÍDIO SANCHES

Ogapysy ore rojapo ikatu haguã ore ñanderu kuéra rochuka haguã mba'échapa roiko raka'e ymã umi pyahu kuérape oikuaa haguã michimi mba'éichapa ymã ikatu haguã mbyahu, mitã oikuaa haguã ñande reko, ndopái haguã.

Ko'anga rupi pyahu kuéra ha nohendu véima ituja véva ñe'□ upeháre ko'ápe ñe'□ hína ikatu haguã um dia ohendu, upéicha mitã kuéra oikuaa haguã mba'éicha jaiko raka'e ymã guare. Ha'e mitã ha mitã pyahu kuérape, mba'éicha oguata va'erã ha mba'éicha oiko arã. Upéicha roñe'□ heta pyahu kuéra ndive ikatu haguã oikuaa ha ore rombohasa haguã mbegue katu ore arandu. Heta eterei oguereko, aikaa poha ñana, mba'éicha ñamboguera mba'asy, aikuaa paite ave kuarahy ha jay rehegua. Aguerékóma 60 año, ndaha'éiri vyteri aposentado, aim□ gueteri ko'ápe, aiko gueteri che reko etépe. Upéicha tekotev□ rombohasa ore arandu ochuka mba'éicha ko óga pysy ha rogueru michim□ ñande remimbo'e upéicha oipyhy haguã purahéi ha ñambo'e. Upéichagui che aporahéi ha añembo'e pyahu kuéra, mitäpe ha itujávape. Che ñanderu amongaraíva mitäpe. Amongaraíma 49 mitã.



Alimento

CACIQUE LÍDIO SANCHES

Por isso hoje temos a reza de muitas formas: do milho, de outras também, da doença e um pouco dessa reza das crianças eu vou mostrar pra vocês agora. Quando o milho estiver falecendo, costuma-se muito rezar durante 2 dias. E antes da colheita do milho, reza-se um outro canto. Essa reza é a reza do batismo do milho e do batismo da criança. Tinha muitos que rezavam durante a colheita enquanto colocavam o milho na sacola e vinham rezando no meio das plantas. Tinham oito rezadores bem de idade na aldeia, mas já morreram. Agora tem muito pouco rezadores.

LUCINDA MORETTI

Alimentação... eu vejo assim, que aqui na aldeia perderam muito as raízes tradicionais da sua alimentação. Então por isso, muitas vezes entra essa problemática de saúde, por exemplo, diabete, pressão alta... outras doenças que enfraquecem o organismo dos índios, que eles não estão habituados com essa alimentação. A alimentação típica do povo indígena Guarani Kaiowá é a mandioca, é o milho, é o feijão. Eu acho que os três que os antepassados a gente sente que cultivavam mesmo, porque com o milho eles faziam a chicha, eles faziam aquela alimentação toda típica deles, que é uma alimentação forte, onde eles podiam se sentir alimentado sem problema. Outra coisa que o índio plantava também era o amendoim. Claro, com a carne de caça que eles procuravam sempre caçar e pescar que são as duas grandes forças. Aqui na região eu acho que era a paca, anta, cateto, esses bichos que eles mais caçavam, e a fruta. É por isso que eu digo, a fruta é fundamental pro povo indígena. Por quê? Porque ele caçava, pescava e comia as frutas da mata.

CACIQUE LÍDIO SANCHES

Upéicha roguereko purahéi heta mba'e, avati pegua, ambue pegua ave, mba'asy pegua ha michi mitã pegua ha amombe'úta pe me ko'anga. Avati morotã jave , oñembo'e katuete 2 ára. Avei ipeky jave avati oñemongarai ave. Upe ñemongarai, omongarai haguã avati ha ave mitã ñemongarai. Hetami va'ekue o opurahéiva ogueru jave avati peky omo jave ajakápe ha opurahéi ave ipa' rupi. O va'ekue 8 opurahéiva, ja omanombaáma. Ko'anga o ndahetái opurahéiva.

LUCINDA MORETTI

Je'upy...che ahecha péicha, ko'ápe ko tekohaápe. Oheja eteri tembi'u ymã guare, upeháre oiike pe jeiko asy vare'a guasu ha mba'asy: diabete, pressão alta...ambue mba'asy omokangýva ava kuéra rete, ndojepokuaái gueteri ko'ã tembi'u pyahu. Tembi'u tee Guarani Kaiowá mba'e tee ha'e mandi'o, avati kumanda, "...pe avatigui ojapo chícha, ojapo guembi'u ha'e kuéra imba'e, tembi'u mbarete, upéicha ramo oñemombarete ambue mba'e ave oñotã ha'e mandui... avei ombarika ha opeka ho'u haguã mymba ro'o, umi mokõi imbareterã. Ko árupi há'etéko paka, mboreví, kure ka'aguy...ko'ã mymba rehe ombarikavéva voi ha yva...ha'e ombarika opeka ha ho'úva yva ka'aguy pegua."



Educação

NILTON FERREIRA LIMA

A educação tradicional era transmitida oralmente, geralmente pelo cacique. Mas, infelizmente sofreu uma profunda mudança, depois que, na época, o governo do país reduziu o território, implantando escolas e igrejas com este objetivo, de educar o povo. Os novos modelos de educação substituiu os educadores tradicionais. Hoje, acredito que a educação acontece em dois momentos, em casa e na escola.

Agora na aldeia temos a educação, a educação do pai, da mãe, que ensina para as famílias, ensinando os filhos, e temos a outra educação que é a escola. Então, a educação familiar ela ensina como a criança deve conviver e viver futuramente, para que possa viver bem no seu dia a dia. A escola, a educação escolar, ensina o que ele deve aprender um pouco fora da sua aldeia ou o que ele não conhece ainda.

EDSON ALENCAR

Vou falar sobre a escola. A escola começou há 17 anos, com a luta dos professores para conseguir uma escola. Havia muitas reprovação, desistência de alunos. Depois que foi implantado a escola indígena, melhorou muito. Tem muitos alunos que agora estão firme no estudo. Temos professores indígenas. Assim, as crianças entendem melhor. Ao mesmo tempo, valorizando a própria cultura.

NILTON FERREIRA LIMA

Ñembo'e ymã rupi oñembohasa ñe'õ rupi, ñanderu rupive. Upeháre ko'anga rupi ndoiko véi, oipe'a rire umi avágui ijyvy kueéra, omoingue escola ha igreja, ombo'e haguã hente kuéra. Ñembo'e pyahu omboyke ymã guare ñembo'e, ko'anga rupi oguerovia ñembo'e oike mokóõ hápe hógape ha escólape.

Ko'anga tekohápe roguereko ñembo'e, ñembo'e itúa kuéra ha sy kuéra ombo'éva, pehõguépe, ombo'e imemby ha roguereko ambue ñembo'e mbo'eróga pega. Upéicha ñembo'e ñane mba'e teéva ombo'e mba'éicha mitã kuéra oiko porã haguã oñondive ha oñemohesa mondo guenonderã rehe, ikatu haguã oiko porã . mbo'eróga ñembo'e mbo'erógape, ombo'e itúva oikuaa hagua mba'e okape terã oikuaa e'õva.

EDSON ALENCAR

Ha'éta mbo'eróga rehegua. Mbo'eróga oñepyrõ 17 ro'yma hína mbo'ehára remijerurekue oipyhy haguã mbo'eróga. Oõ va'ekue heta ndohasáiva aluno kuéra ha osõva. Omoõ rire mbo'eróga ava mba'éva heta mba'e opyta porã. Heta oõ mbo'evy imbarete oõ ijestudope. Roguereko mbo'ehára aváva. Upéicha mitã kuéra oikuaave. Upéicha ramo omomba'e gueko.

TE'YIKUE



Saúde

D. ORILETE, D. OLIVIA

Eu faço remédio. Aqui tem um pouco. Eu tenho bastante remédio, eu tenho do brejo, do campo e eu dou pras pessoas. Eu tenho bastante remédio porque faz bastante tempo já que eu trabalho com remédio. Esse é cana-brava, é cana-do-brejo. Esse cana-brava é bom para dor de estômago e também se não conseguir urinar bem, é pra urinar bem. Esse é outro, esse nome, pessoal fala são-roque. Esse cipó é bom pra dor de coluna. Esse é bom pra tosse. Esse remédio do mato mesmo que eu tenho bastante, mas eu preciso pegar ele e colocar a mão pra cada um pra vocês poder pegar depois. Eu tenho bastantes remédios eu faço remédio, eu faço pra pessoa que precisa e eu trabalho assim.

Se a mulher está pedindo socorro pra ganhar nenê, criança... porque a gente tem que... a mulher que tem mais experiência tem que ajudar a mulher dentro da casa pra ganhar nenê, se não ela perde nenê. Porque se a gente já vai saindo pra atender a mulher onde que ela vai ganhar criança, você tem que cantar já, indo e cantando pra chegar onde que a mulher vai ganhar a criança, quando você chega lá você tem que cantar.

Nós, Kaiowá, primeiramente nós manda convite, a mensagem pra uma mulher que chama, lá em cima, chama Gueriokupetu, que nós fala. É ela quem manda de novo pra nós respostas, pra vim né, ver como está mulher grávida, aqui, em cima da terra.

D. ORILETE, D. OLIVIA

Che ajapo pohã. Ape o□ michimi. Aguereko heta pohã, areko pohã ro'ysã, ñu pegua ha ame'□ umi hente kuérape. Aguereko heta mba'e pohã upéa hína aréguima amba'apo pohã rehe". Koa kaña brava, ha'e takuare'□ ro'ysã . koa ko takuare'□ iporã tye rasýpe ha avei nderekuaru porãi ramo ha'e iporã. Koa ambue... koa héra oje'e ichupe são roque. Kóa ko ysypo iporã tumby rasýpe. Koa iporã hu'úpe. Koa pohã ka'aguy voi aguereko heta, upeháre aikoteve hese, aipyhy va'erã ha amo□ pende pópe upéi peipyhy. Aguereko heta pohã ajapo pohã , ajapo pohã oikotev□va pe upéicha che amba'apo." Kuña oime'□ ete ramo ogana taramo mitã ... ñande tekotev□... kuña oguereko véva experiência oipytyvõ va'erã umi ipyahu vévape ndoperdei haguã imemby"... roho ramo roatende haguã kuñame repurahéima va'erã voi, reho ha repurahéi reguah□ haguã upe kuña rendápe ogana arã mitã, reguah□ jave repurahéi. Ore Guarani Kaiowá, romondo rañe jeavisa, romo'arandu kuñame, rohenó□ amo yvategua rañe, héra gueriokupetu, ore ha'e. Ha ha'e ombou jevy oréve iresposta ou haguã. Ohecha haguã pe kuña hyeguasúva ko'ápe...ko yvy ári.



KURUSU AMBÁ



O ACAMPAMENTO GUARANI KAIOWÁ de Kurusu Ambá concentra cerca de 200 pessoas que ocuparam uma área de preservação ambiental, nas proximidades da fazenda Madama, situada no Município de Coronel Sapucaia, Mato Grosso do Sul. A população que esteve concentrada na Terra Indígena Taquapiry, localizada na região de fronteira com o Paraguai, motivada pela falta de espaço para garantir a sobrevivência e os conflitos entre grupos familiares, resolveu retornar à sua terra tradicional, que se encontra na posse de fazendeiros. A terra reivindicada pelo grupo está juridicamente em fase de identificação e delimitação, aguardando a aprovação do laudo fundiário-cartográfico. Já é a quarta retomada empreitada pela comunidade, que em 2011 foi incluída no Programa de Proteção dos Direitos Humanos, pois muitas das suas lideranças estão ameaçadas de morte, sendo que três delas já foram assassinadas durante este período de luta: Churite Lopes, Ortiz Lopes e Rosalino. A escolha do Kurusu Ambá para participar do projeto Olhares Cruzados tem como objetivo dar visibilidade a sua luta e colaborar para o registro da sua trajetória. A partir de atividades lúdicas e o intercâmbio entre as comunidades, o projeto trabalha com a perspectiva do olhar da criança sobre a situação atual, focado nas suas tradições, empoderando-as no seu presente e naquilo que desejam para o futuro, e assim contribuindo para elevar sua autoestima e a suas famílias.

Participaram das atividades do projeto 26 crianças e adolescentes entre 10 e 16 anos que, nos momentos de lazer, em um pedaço de mata onde passa o córrego, se divertiam na água e nas árvores, apesar do perigo dos agrotóxicos, que, trazidos das lavouras pela água das chuvas, causam inúmeras doenças. Hoje a comunidade conta com atendimento médico semanal e um ônibus escolar que busca os alunos para estudar na aldeia Taquaperi. Apesar da situação de precariedade em que vivem, as famílias do Kurusu Ambá estão confiantes no futuro, e nos mostram orgulhosos suas plantações de milho, mandioca, feijão, arroz e muitas outras espécies.

ACAMPAMENTO GUARANI KAIOWÁ Kurusu ambápe oꞑ upépe 200 hente rupi oipyhy hikuái mbaretépe peteꞑ área pe preservação ambiental, pe fazenda Madama kótare, oꞑ hína pe município Coronel Sapucaia, Mato Grosso do Sulpe.

Umi hente kuéra oiko va'ekue tekoha Takuapirýpe, oꞑva ave pe região de frontéirape Paraguai kótare ndoguerékói haguére ijyvy ikatu haguã oiko ha ndoiko porã véi umi pehꞑgue kuéra oñondive, upe hárehe oike pe itekoha ymã guarépe, upe yvy oꞑme hína fazendeiro poguýpe. Pe yvy ojeruréva hikuái oꞑme hína juridicamente pe fase identificação ha delimitação oha'arõ oaprova pe Laudo Fundiário Cartográfico.

Irundy hápema oike upépe ikuái ñande hente kuéra pe ro'y 2011 pe oꞑme pe programa de proteção dos direitos humanos, heta ñande rendotápe ojukase hikuái, ha mbohapy ojejúkama upépe, oñorairõ pukukue upépe: Churite Lopes, Ortiz Lopes ha Rosalino. Mba'érepa pe comunidade oike kóa ko projeto Olhares Cruzadospe, upéva hína jachuka uka ichupe kuéra iñorairõha, ha ñaipytyvõ ojehai haguã iñorairõ.

Ñembyesarái haguí ha intercambio umi comunidade pe projeto ambuépe mitã ñemaña rupive upe itekohápe omoꞑ upépe teko omombaretevy ko'anga rupi ha omoꞑ mba'épa oipota guenonderáme, upéicha omombarete omopu'ã haguã pe auto estima ha ipehꞑgue kuérape.

Ñembyesarái pa'ꞑme, peteꞑ ka'aguy po'ípe upérupi ohasáva ysyry po'i mitã kuéra oñembyesarái upe ýpe ha pe vyry rakã rehe, oꞑ ramo jepe ombohassa asy ichupe kuéra, umi hente kuéra ha agrotóxico. Oúva umi mba'e y rupi amã rykuere rupi, ogueru ave heta mba'asy.

Oiko asy ramo jepe oiko hápe, umi pehꞑgue Kurusu Ambá pegua ojerová guenonderã porará. Oñotꞑ avati, mandí'o, kumanda, arro ha heta mba'e avei jety, kumanda, manduí, abacaxi, pakova, ka'a, takuare'ꞑ. ko'anga rupi médico oñatende hese kuéra peteꞑve cada semana, ha peteꞑ mba'yru ogueraha mitã kuéra o estuda haguã teko ha takuapirýpe.

CRIANÇAS DA COMUNIDADE DE KURUSU AMBÁ

ADELINA MARTINS ARNELICIA MARTINS CELSO TEIXEIRA CLAIVER MARTINS DENIS LOPES
DINHO LOPES ELAINE PEREIRA ELIDIANE MARTINS ÉZIO MARTINS GISLENE MARTINS
JACIQUELLI MARTINS JHONJHELWY FERNANDES KIMBERLY FERNANDES LÉIA MATINS
LILIAN FERNANDES ONIEBER MARTINS ORAZILDA LOPES OSMAR MARTINS OZEIAS
MARTINS ROSILEIDE MARTINS SLAUDINEI BATISTA VANILDO PEREIRA WAGNER L. MARTINS





OS SIGNIFICADOS VITAIS DOS TERRITÓRIOS TEKOKHA GUASU REIVINDICADOS PARA OS GUARANI E KAIOWÁ

É importante relatar aqui as motivações principais que levaram e ainda levam os Guarani e Kaiowá a retornarem aos antigos territórios tradicionais tekoha guasu (“terra em conflito”), de onde foram paulatinamente obrigados a sair. Além disso, é relevante destacar a compreensão que os Guarani e Kaiowá, direta e indiretamente envolvidos, têm em relação aos significados da reocupação dos territórios tradicionais.

Para tal é necessário compreender tanto o processo histórico de articulação das lideranças religiosas e políticas, como os significados vitais dos territórios reivindicados para os povos Guarani e Kaiowá, que vêm lutando para reocupar e recuperar os territórios tradicionais localizados nas margens da bacia do rio Iguatemi, situado no extremo sul do Estado do Mato Grosso do Sul.

Como é sabido, no início da segunda metade do século XX, o processo de colonização do sul do atual Estado do Mato Grosso do Sul se intensificou, e inúmeras famílias extensas Guarani e Kaiowá foram expropriadas e expulsas de seus territórios a partir da atuação conjunta de fazendeiros e funcionários do órgão indigenista. O conjunto dessas famílias extensas, na maioria das vezes, foi transferido — ou “confinado” — para as Reservas Indígenas e/ou Postos Indígenas do Serviço de Proteção dos Índios (SPI)¹.

Diante disso, as iniciativas de articulação e luta de algumas lideranças das famílias extensas para retornar aos antigos territórios tekoha guasu começaram a despontar no final da década de 1970

MBA’E KATU OGUEREKO TEKOKHA GUASU OIPYHYSÉVA GUARANI KAIOWÁ

Iporã ñamombe’u ko’ápe, mbava’érepa ogueraha ha omombarete gueteri Guarani Kaiowápe ojevy haguã tekoha ymaguarépe hérava Tekoha Guasu, upégui omosarambipa ha omos□ raka’e ichupe kuéra. Avei, iporã ñamohesakã mbava’épa Guarani ha Kaiowá oñandu upéva rehe, upe ñorairõpe o□ ha o□e’□va avei, mba’épa he’ise Tekoha Guasu ichupekuéra.

Upéa rehe tekotev□ hesakã mba’éichapa ymã guare tendota oipyhy raka’e ñemongueta ha ñemongu’e upéva rehe, avei mbava’épa he’ise chupekuéra pe jeike seha pe Tekoha Guasúpe Guarani ha Kaiowá mba’éva, ha’ekuéra oúva oñorairõ oipyhy ha oiporu jevy haguã Tekoha Guasu oiméva pe ysyry guasu Iguatemi kótare, opytáva hína pe sul Mato Grosso do Sul kotýo. Jaikuaa háicha, pe século XX mbytégui rire, pe colonização ojapo ramo ko Mato Grosso do Sul kotýo ojopyve hína ha heta pehegue Guarani Kaiowáva oipe’apa ha oñemos□mba ijyvy árigui, upe ramo guare oñemo□ va’ekue fazendeiro kuéra ha omba’apóva órgãõ indigenistape. Pe peh□gue atýpe, hetáva o□va oñomondopa/terã omboupa pe reserva indígenape ha terã Posto Indígenape Serviço de Proteção do Índiope (SPI).

Upehárehe, ñemongu’e ha ñemo□ porã pe ñorairõ umi tendota kuéra umi peh□gue heta oguereko hápe ojevy jevy haguã Tekoha Guasu kotýo, oñepyr□ va’ekue heñói pe década de 1970 pe ha década de 1980 ñepyr□pe. Umi tuicháva jeroky guasu oikóva omombarete

e no início da década de 1980. Os grandes rituais religiosos, jeroky guasu, foram fundamentais para envolver os líderes políticos e religiosos, ñanderu, nos processos de reocupação/retomada dos territórios tradicionais.

A atuação, ação e valorização dos saberes indígenas, rituais religiosos e a intermediação dos líderes religiosos nos processos de reocupação e recuperação de parte dos territórios tradicionais foram e são muito importantes para o povo Guarani e Kaiowá, é importante ainda para explicitar que as manifestações rituais e religiosas observadas em situações de reocupação de tekoha guasu (“terra em conflito”), expressam uma concepção indígena bem específica e inteiramente desconhecida dos não indígenas, gerando diferentes reações e posições entre as diversas lideranças políticas e religiosas das famílias extensas, envolvidas em conflitos fundiários com fazendeiros e instituições do Estado brasileiro que perduram até os dias atuais.

No sentido amplo, é relevante considerar que os Guarani e Kaiowá sentem-se originários destes espaços territoriais reivindicados, e que, nos últimos 20 anos, têm sido privados da possibilidade de se reassentar nos seus territórios tradicionais e viver conforme seus usos, costumes e crenças, o que faz com passem a investir reiteradamente na recuperação dos territórios tekoha guasu.

Em relação ao significado vital do território para o povo Guarani e Kaiowá é preciso observar em detalhe o modo específico de relacionamento desses indígenas com os seres invisíveis/guardiões (deuses) da terra, yvy jara, manifestado através de cantos e rituais diversos: ñengara e jeroky.

tuicha eterei umi tendota ha ñanderu kuérape, oipyhy jevy jave terã oike jevy jave pe tekoha guasúpe.

Oiko, oñomombaretepa guasu ha omomba’e pe ñane arandu, porahéi tee ha umi ñanderu kuéra omosambyhy pe jeiképe tekoha guasúpe umíva iporã eterei Guarani ha Kaiowá kuérape, iporã avei jachuka umi teko marangatu, ojehecháva umi te’yí kuéra opurahéiva oikéta jave Tekoha Guasupe (terra em conflito) ko’ã mba’e oikuave’ □ ñande arandu, karai kuérape hasy hesakã haguã, upéicha opa ambuéicha ogueraha omosambyhývo umi tendota ha ñanderu kuéra, oñorairöva umi fazendeiro kuéra ha instituiçãope estado brasileiro ndive, ha ojuhúma ko’anga rupive.

Jaikuaapa guasu haguã, iporã ñamohesakã Guarani ha Kaiowá oñeñandu yvy jára tee voi ko Tekoha Guasu hembijerure ha ko pamokói (20) ro’y, nome’ □ séi voi ichupe oike jevyrö itekoha guasúpe, oike oiko haguã guekópe, oiporu haguã ha ijerovíape, upeháre oñembosako’i tee voi oipyhy jevy haguã Tekoha Guasu.

Upe Tekoha Guasu porã hárehe Guarani Kaiowá kuéra tekotev □ jahecha porã mba’éichapa oiko oñondive umi ava ha jahecha e’ □ va ndive ko yvy jára, ojechukáva purahéi ha heta mba’e rupi ñengara ha jeroky. Mba’éichapa oñemogueta ha ojeguereko umi jahecha e’ □ va ndive omohesakã mba’éichapa iñambue opavavégui pe mba’e jeporu ko yvy ome’ □ poráva ñandéve. Umi va’e omombaretéva ha omohekoráva mba’éichapa oikóta ava kuéra pe itekoha guasúpe.

Upéicha, Guarani ha Kaiowá oipyhy haguã

A forma de diálogo e respeito com esses seres invisíveis marcam uma diferença muito importante em relação à percepção e ao uso dos recursos naturais da terra. Esse é um aspecto fundamental e determinante do relacionamento destes indígenas com os territórios.

Assim, os Guarani e Kaiowá lutam pela recuperação dos territórios, já nas terras reocupadas/re-tomadas de onde demonstram e acionam claramente a sua especificidade e pertencimentos aos territórios de origem. Os Guarani e Kaiowá têm ligação e conexão direta com a terra, se consideram como uma família só. Dado que a terra é vista por estes indígenas como humana, os Guarani e Kaiowá possuem um forte sentimento religioso de pertencimento ao território específico, fundamentado em termos cosmológicos, sob a compreensão religiosa de que os Guarani e Kaiowá foram destinados, em sua origem como humanidade, a viver, usufruir e a cuidar deste território específico, de modo recíproco e mútuo, portanto eles podem até morrer para salvar a terra. Há um compromisso entre os indígenas e guardião da terra, um apoio recíproco e mútuo, os Guarani e Kaiowá protegem e gerenciam os recursos da terra, por sua vez a terra cuida e nutre os indígenas Guarani e Kaiowá.

Importa destacar ainda que a compreensão destes espaços territoriais pelos Guarani e Kaiowá tem uma fundamentação cosmológica e histórica que se enraíza em tempos passados. Assim, o processo de luta pela reocupação e recuperação dos territórios tradicionais é uma iniciativa coletiva (eticamente diferenciada) de parte de povo Guarani e Kaiowá.

Tekoha Guasu, upéicha avei yvy ojepyhy va'ekue pema, jeike pyrêpe jahecha ha omombarete mba'éicha Tekoha Guasúpe guaha voínte. Guarani Kaiowá oguereko pe ipyru'ã ñeñongatu hare voi upe Tekoha Guasu, ha oñemopete pe yvy rehe upéicha oikuaa pe yvy upeicharamo oikovéva. Guarani ha Kaiowá kuéra oguereko tuicha ñeñandu imarangatúva pe Tekoha Guasu járaha voi, ñande ypy arandu rupi, oikuaa háicha ñande ramo Guarani Kaiowá renonderã voi ñeypyr guive voi, oiko haguã oiporu ha oñangareko pe Tekoha Guasu rehe, jeporu ha ñeme'pe ha teko teépe upehárehe omanóta katuete voi pe yvy rehehápe. Oguereko pete imbaretéva oñombojoapýva ava kuéra ha yvy jára, pete neñapyt mbarete Guarani Kaiowá oñangareko ha oiporu kuaa pe yvy, upéicha yvy ave oñangareko hese ha omombarete ava Guarani Kaiowá kuérape.

Upéicha rehe, ñamombarete ko'ápe mba'éicha Guarani ha Kaiowá oikuaa ha oñandu yvy rehegua, oguereko arandu katuetéva, sui generis arandu ymã guare upérupi ojehecháva ha oñembohapóva ijapytépe ymã guivéma. Upéicha oñorairõ ohóvo oipyhy ha oike jevy haguã Tekoha Guasúpe ha'e pete mayma guive arã, (eticamente diferenciada) pe Guarani Kaiowá mba'e guive.

Ko'áicha, oñorairõ oipyhy jevy haguã tekoha ymã guare Guarani ha Kaiowá kuéra, ojejapo ojevy jevy haguã Tekoha Guasúpe, upéicha ojapo ñemongu'e guasu política ha religioso hérava Aty Guasu Guarani ha Kaiowá ñe'me he'ise: Aty: reunião/jejotopa guasu ha Guasu:

Dessa forma, a luta de recuperação das antigas áreas ocupadas é realizada por meio de retorno ao território, caracterizado como um movimento político-religioso Aty Guasu Guarani e Kaiowá: *Aty* = reunião/encontro e *Guasu* = grande, daí, “grande encontro”, em que se juntam muitas lideranças políticas e religiosas das famílias extensas (tey’i). Isto é, trata-se de uma articulação política inter-comunitária de lideranças de diversas famílias extensas do tekoha guasu.

Na Aty Guasu são discutidas e tomadas decisões importantes que afetam a todos, como decisões sobre a recuperação de parte dos territórios, por exemplo. Assim, a Aty Guasu é definida como uma assembleia geral realizada entre as lideranças políticas e religiosas das famílias extensas Guarani e Kaiowá a partir do final de 1970. A Aty Guasu é definida como o único foro legítimo de discussão e de decisão articulada das lideranças políticas e religiosas das famílias extensas Guarani e Kaiowá.

Por fim, o que se chega a concluir, com isto, é a continuidade da luta política-religiosa das lideranças Guarani e Kaiowá que hoje se encontram articuladas e reivindicando a recuperação de seu território Tekoha Gua.

Tonico Benites

Guarani Kaiowá membro do Conselho Aty Guasu,
Doutorando em Antropologia

1 Entre 1915 e 1928 foram criados oito P.I.s no atual estado do Mato Grosso do Sul entre os Guarani e os Kaiowá. São eles os P.I.s de Dourados; Caarapó; Pirajuí, Sessoró; Porto Lindo; Taquapiri; Limão Verde; Amambai. Ver por exemplo Thomaz de Almeida (1991); Brand (1997); Mura (2006).

tuicháva”, upéicha “tuicha jejetopa upépe ojetopa ijaty heta tendota kuéra político ha religioso pe Tekoha opa rupigua ndive ha heta pehogue tuicháva pe Tekoha Guasu pega.

Pe Aty Guasúpe, oñemomgueta ha ombosako’i jejaporã imbaretéva oguerúva mba’e porã maymávape, mba’éichapa oipyhy jevýta heta Tekoha Guasu, ja’e ichupe. Upéicha Aty Guasu omoꞤporã assembleia geral ramo ojejapóva umi tendonta politica ha religiosa umi pehogue tuicháva Guarani Kaiowá, upe 1970 paha guive raka’e pe Aty Guasu oñemoꞤporã mbarete ikatu haguãicha oñemongueta ha ombojoapy haguã mbarete umi tendota kuéra politica ha religiosa umi pehogue tuicháva Guarani Kaiowá.

Ñambopapa haguã, ko jehai pyre rupive, jahecha ñemboguata akointe pe ñorairõ politica ha religiosa umi tendota kuéra Guarani ha Kaiowá kuéra ha ko’anga rupi ojetopa oñemombaretepa guasu ha ojerure oipyhy jevy haguã pe Tekoha Guasu.

Tonico Benites

Guarani Kaiowá membro do Conselho Aty Guasu,
Doutorando em Antropologia

Terra

LEONEL, BERBABÉ, SMART

Então na primeira retomada nós fomos lá no Kurusu Ambá. Entrou lá pra despejar nós, 80 pistoleiro. Então, quando chegaram um bando de pistoleiro falou pra nós pra nós subir num caminhão, aí os paraguaio falaram em guarani “se vocês não subirem vocês vai ver agora” falou pra nós. Então quando eles acabo de falar, já começaram a atirar em nós. Então no momento dos tiros eu não podia enxergar a Xurite Lopes, minha sobrinha... então eu ouvi um tiro dentro da casa, e quando... e daqui a pouco já falaram que já tinha matado a Xurite Lopes.

Antes da gente morrer a gente quer ver a demarcação do Kurusu Ambá. Então aqui mesmo é a nossa terra tradicional, aqui é nosso território, o território Guarani Kaiowá. Aqui morreu o meu vô Siriako, sua esposa, minha vó, o meu tio Tito, a Natasia... todo mundo morreram aqui... e o grupo, nosso... Zavolta, tudo morreram nessa região do Kurusu Ambá. Então, aqui na região aqui do Yupói, tinha muito mais pessoa. O Kurusu Ambá tinha muita comunidade, muitas famílias morando. Então por isso que a gente passou por essa violência toda.

Então a gente quer a demarcação porque essas terra ficarão como herança para nossos filhos, ou para meus netos que virão depois, porque a gente dependemos da terra para nós sobreviver.

Então essa terra do Kurusu Ambá é nossa mesmo, aqui vivia os Kaiowá Guarani, muitos antigo aqui morreram, várias parte tem os cemitério da nossa etnia, então, aqui o Kurusu Ambá é o nosso território tradicional mesmo.

LEONEL, BERBABÉ, SMART

Upéicha iñeypyrꞑpe roike ramo guare roho pe Kurusu Ambápe. Oho upépe ore mosꞑmba haguã upégui 80 pistoleiro. Upéicha, oguãhe jave umi pistoleiro kuéra he’i oréve rojupi haguã caminhãope, upépe umi Paraguai he’i oréve guaranípe “nape jupíri ramo peikuaáta hína ko’anga” he’i oréve. Upéi opa rire he’i oréve, oñeypyrꞑma ombokapu ore rehe. Upéi ombokapu hína jave che ndaikatúi ahecha porã Xurite Lopes, che sobrinha...upéi ahecha ombokapúva oga ryepýpe, upe jave...ha upéi he’íma ojukamaha Xurite Lopes.

Namanói mboyve ahechase pe demarcação Kurusu Ambá rehegua. Ko’ápe voi ñande yvy ymã guare, ko’ápe ñande rekoha Tekoha Guarani Kaiowá. Ko’ápe omanõ che jari Ciriaco hembireko, che jari kuña, che tio Tito, Ananstacia.

Umía omanomba ko’ápe voi, ore aty voi upéva. Zavolta omanomba ko’a Kurusu Ambá jerekuépe. Kóa ko ypo’i jerekuépe heta hetave oꞑ va’ekue ñande kuéra. Kurusu Ambápe heta oꞑ va’ekue hente kuéra, heta pehꞑgue oiko va’ekue ko’ápe. Upéicha rohasa jeguereko asy ko’ápe.

Upéicha ore roipota pe demarcação, ko yvy opyta haguã herança ore re’yi kuérape, terã ore remiarirõ kuérape ou va’erã upe rire, ore rojeko yvy rehe oikove haguã.

Bernabé. Ko yvy Kurusu Ambá ore mba’e voi, ko’ápe oiko va’ekue Kaiowá ha Guarani kuera, hetáma ymã guare ko’ápe omanõ mbama heta kotýo oꞑ ñemano haguére ñande kuéra, upéicha, ko Kurusu Ambápe ha’e ñande retã vointe.

KURUSU AMBÁ



Cultura

LEONEL LOPES

Tudo isso é a nossa cultura, é o nosso artesanato, as flecha mesmo eu faço ainda porque aqui tem material, e eu não faço as cesta porque aqui não tem aquele Tacuapi, aquele bambu pequeno, fininho, é esse que tá faltando, por isso que eu tenho dificuldade de fazer o cesto... Então também tem outro tipo de artesanato, tem o mondel, tem também a armadilha que a gente chama Yunha e a gente... e isso daí serve pra a gente pegar os bicho de caça, porco do mato, e tatu pra gente pegar o mondel, então isso é a nossa cultura, é o nosso artesanato pra que... é o meio da gente pegar também os nosso alimento também, das mata. Então todos esses tipo de artesanato que faz parte da nossa cultura, dificilmente... somente algumas pessoa faz, mas a maioria das pessoa não faz porque é bem difícil mesmo porque você tem que aprender com o mestre ou com alguma pessoa que conhece fazer, por isso que qualquer pessoa não faz. Tem que se dedicar a esse trabalho, dedicar o seu tempo pra fazer. Então, as rede mesmo, os homem não podem prepara o material pra rede, as mulheres que tem que preparar, então tem todo esse tipo de cultura também que as mulheres e os homem, tem que fazer a rede. Então atualmente, tá tendo uma troca de cultura, antigamente os indígenas dormia só na rede, só na rede dormia. E agora não, agora já compram a cama, pessoal já compram a cama na cidade, então tá entrando a cultura do não índio também. Então raramente já deixaram de usar a rede pra trás, então por isso, a cultura vai acabando. Então aqui tá no momento da gente resgatar a cultura.

LEONEL LOPES

Ko'ã mba'e ñande reko, ñane rembiporu tee, hu'y che voi ajapo ko'ápe o gueteri vyvra ajapo haguã, ha che ndajapói ajaka guasu ko'ápe ndaipórigui takuapi, pe takuara michava ipo'íva, upéa ndaipóri, upéichagui ndaikatúi ajapo mynak, ajaka... upéicha o ambue tembiporu ñane mba'éva, o monde, o ñuhã ha ore... umíva jaiporu jaipyhy haguã mymba ka'aguy kure ka'aguy, tatu jaipyhy monde rupive umíva ha'e ñande reko, ha'e ñande rembiporu, ma'erã?...upéicha jajapo jaipyhy haguã ñane rembi'urã, ka'aguýgui. Upéicha opa mba'e ñane rembiporu ha'e hína ñande reko, hasýma... ndahetái hente kuéra ojapo umíva, hasy etereígui umi mba'e, tekotev reikaa ñanderu kuéra ndive terã hente oikuaáva ndive, upéicha o me rañéva hente ndojapói. Tekotev upéa rehe rejapo ikatuha peve. Upéicha o ñande rekópe jajapo haguã, upéicha kuña ojapo arã kyha. Ko'anga rupi o hína ambue reko, umi rupi umi ava oke kyha pente voi. Ko'anga ndoke véima, ko'anga oguerekóma tupa, hente kuéra ojoguáma tupa cidadegui, upéicha oike ambue reko avei. Upéicha ohejama ohóvo kyha jeporu, upéicha rupi, ñande reko opa ohóvo. Ko'anga rupi oguh ñamombarete haguã ñande reko.

KURUSU AMBÁ



Alimento

KUÑA VERA RINDY

Nóis, antigamente a nossa mãe dava nós de comer Kará, Choperí e tudo isso ela dava pra nós comer. Agora tem também mandioca, batata. Tudo isso era nosso alimento, desde o nosso antigo. Então desde aquele tempo a gente vive assim, a gente come das roça, a gente traz alimentação da roça, e a nossa cultura é assim, é plantar e trazer isso... As nossa mãe os nosso pai têm nos ensinado, a importância de alimento que a gente traz da roça.

AVA VERA RENDY

Então primeiramente, o primeiro dos nossos alimentos saiu do milho, do milho saboró... primeiramente a chicha, que saiu do milho, do milho branco. Então, tem também o xoperi que é feijão dos kaiowá mesmo, então tem também o porco do mato, nossos alimento, tem também o veado, tem também a queixada, tem também... e tudo isso era os nosso alimento antigamente até hoje. Pra festa comunitária também, mas tudo sai do milho e da mandioca também. Então agora mesmo, a nossa cultura mesmo, a nossa vida mesmo também é a caça, é a pesca. Isso a gente vivemos desde o nosso antepassado até nós a gente usa... sempre a gente caçamos, sempre a gente pescamos pra nós buscar nossos alimentos aqui mesmo. Então, muitas vezes a gente ouve também... muitas pessoas é só prendido nas caça ou na pesca, então, isso são as leis dos branco porque nós dependemos da caça e da pesca pra sobreviver e pra nós buscar também nossos alimentos... Então isso não devia acontecer com nosso povo Kaiowá, porque nós somos um povo que depende da caça e da pesca mesmo. Então, quero dizer também que a gente estamos muito... nosso anseio mesmo é de acontecer a demarcação das terras, porque uma forma de trazer também a saúde também através dos alimento das roça que a gente podemos plantar.

KUÑA VERA RENDY

Ore ymã rupi ore sy ome'□ oréve ro'u haguã kara, choperi, umía ome'□ va'ekue ro'u haguã, ko'anga o□ ave mandi'o, jety. Umía ore rembi'u va'ekue, ymã guive. Upéicha upe ramo guare upéicha roiko, rokaru va'ekue kokue peguágui, ore rogueru tembi'u kokuégui, ore reko upéicha, roñot□ ha rogueru...ore sy ha ore ru ore mbo'e mba'éichapa iporã hi'upy jagueru kokuégui.

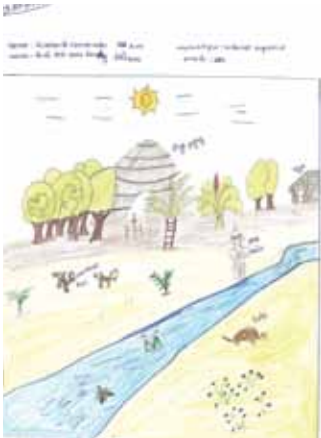
AVA VERA RENDY

Upéicha iñeypyr□rã, ore rembi'u os□ avatígui teégui... iñeypyr□me chicha os□ va'ekue avatígui, avati morot□gui. Upéicha ave o□ choperi, Kaiowá mba'e kumanda, o□ ave kure ka'aguy, ore rembi'u, o□ ave chumbi, o□ ave tañykat□ o□ ave...umi mba'e ore rembi'u va'ekue ko'anga peve, vy'a guasu oikota ramo ñande rógape, os□ mbaite avati ha mandi'ógui. Upéichare ore reko, roiko ha hina mbarika ha pekante voi. Upéicha ore roiko ymã guivema ko'anga peve...rombarikante voi va'ekue ha akói rojehekante voi rogueru haguã ore rembi'u ko'ápe. Upéicha rohendu ave...heta ndoipotái rombarika ha ropeka, upéa ha'e lei karai mba'e, ore rojeko mbarika ha peka rehe, roiko haguã ha rogueru haguã ore rembi'u...umi ndoikói ramo'ã ko'ã povo Kaiowá rehe, ore ha'e povo ojekóva mbarika rehe ha peka rehe voi.

Upéicha ha'ese avei ore ro□me...ore roipotáva ha'e oiko pe demarcação pe yvy rehegua, upéicha rogueru haguã tesãi temit□ kokuepegua roñoty arã.

KURUSU AMBÁ





Saúde

D. MADALENA

Então antigamente a gente usava só remédio, só tradicional. Então, a gente fazia muitos remédios, os remédio que a gente tem na mata é pra todas as doença... e a gente dependia somente dos remédio caseiro, a gente fazia, e tudo solucionava a nossa doença, a nossa enfermidade, curava. E nos dias atuais que veio os remédios da farmácia, a gente usava os remédios, a gente usava cangorosa, a gente usava erva-doce, a gente usava cedro, a gente usava muitos ervas também, a gente usava pra remédio. Então, a gente usava também aquele... folha de batata, flor de batata e isso a gente usava antes, e isso era o nosso remédio antigamente.

LEONEL LOPES

Então, antigamente, as mulheres que iam ganhar nenê não iam pra os hospital, eles ganhavam nenê na aldeia mesmo, nos Tekohá mesmo... e tinha um remédio pra eles usarem na mata durante a... nos tempos que iam ganhar o nenê... nos dias que iam ganhar o nenê, aí tinha um remédio, tomava... então, não ia pro hospital... tem doença que vai ser curada na própria reza... e tem doença também é curado pelo remédio, pela erva, pela folha do remédio ou raiz. Mas tem doença que não é... é pra ser curado na reza. E tem outra doença também que a gente reza nos remédio e dá pras pessoa, é um tipo também de cura que a gente tem na nossa cultura. Então, os remédio tem os seus local, os remédio tem das matas, os remédios das grande matas e tem também o remédio do campo... tem 3 tipos de remédio onde a gente pode procurar e achar... então exemplo, agora mesmo, os dias atuais mesmo, os campos... desmataram tudo, então, pouco remédio tem ainda nos campos porque eles... os fazendeiro destruíram, mataram, tombaram pra eles fazer agricultura, fazer as roça... então acabaram muito com os remédios que vivem no campo.

ELIÚDE

Então, a água que consumimos aqui no Tekohá, Kurusu Ambá é água contaminada, conseqüentemente ela traz muitas doenças como diarreia, como vômito... é comum aqui nas nossa aldeia... a consequência... vem a doença, até já causou a morte.

D. MADALENA

Upéicha ymã rupi roiporu va'ekue pohã ñana... upéicha ore rojapo heta pohã, pohã roguerekóva o□ ka'aguýpe ha opa mba'e mba'asýpe... ore roguereko pohã óga peguante voi, ore rojapo arã, ha upéicha ore romboguera ore mba'asy, omboguera...ha ko'anga ou pohã karai mba'éva...ore roiporúva pohã hérava kangorosa, roiporu erva doce, roiporu hyary, roiporu etéva voi ave ka'a avei, roiporúva pohãrã... upéicha roiporu ave upe...jety rogue umía roiporu va'ekue ymã, umía ore pohã ymã guare.

LEONEL LOPES

Upéicha ymã rupi, umi kuña oguerekótava imemby ndohói va'ekue hospitalpe, oguereko va'ekue imemby tekohápe voi...o□ va'ekue pohã oiporu haguã ka'aguy pegua oikóta jave...oguerekóta javete imemby...oguah□ jave upe ára oguerekotaha, oguereko pohã ho'úva upéicha, ndohói hospitalpe ...o□ mba'asy oñembogueráva porahéi rupinte voi...o□ ave mba'asy oñembogueráva pohã rupi, ka'a rogue rupi, ñana rogue rupi terã hapokuégui. O□ ave mba'asy ndaha'éiva...upéa ñembogueráva ñembo'e rupi. O□ ave ambue mba'asy, ñembo'e arã pohãre ñame'□ haguã hasývape, umía hina ñemboguera ñande rekópe. Upéicha, umi pohã o□ henda, umi pohã o□ ka'aguýpe, pohã ka'aguy rusu pegua ha o□ ave pohã ñumegua...o□ mbohapy henda moõ pepa jaheka jatopa arã...upéicha, ko'anga rupi umi ñe'□...umi fazendeiro oitypa, ojukapa, otomba ojapo haguã ikokuerã, ikokuerã ojapo haguã ha'ekuéra ikokue. Upéicha ohundipa umi pohã o□va ñúpe.

ELIÚDE

Upéicha, y jai'úva ko Tekoha Kurusu Ambápe ha'e ivaiapa, upéicha rupi ogueru heta mba'asy chiri, ha vomito...heta o□ umi mba'asy ko tekohape...upéicha ou mba'asy, ha upéicha ojuka ñande i□ kuérape.

KURUSU AMBÁ



REKOPAVE



OS POVOS GUARANIS ESTÃO presentes em cinco países da América do Sul: Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia. São mais de mil comunidades e uma população em torno de 300 mil pessoas. A territorialidade da Grande Nação Guarani é anterior e bem diferente à imposta pela criação dos estados nacionais.

A comunidade Pai Tavytera, onde realizamos o projeto com 26 crianças, está localizada no município de Capitão Bado, que faz fronteira com o de Coronel Sapucaia no Brasil. Reúne pouco mais de 80 famílias, totalizando uma população de cerca de 400 indivíduos que ocupam uma área de terra 508 hectares. A região, da mesma forma que aconteceu no Brasil, quando demarcada herdou uma situação de devastação do território, quase totalmente invadido pelos colonos brancos com suas lavouras de monoculturas.

Entretanto, graças à Associação Pai Tavytera Rekopave, fundada há 18 anos, a forma de lidar com a recuperação ambiental, de produção de alimentos, baseou-se no processo de discussão e apoio à produção dos Guarani, a partir de sua cultura, identidade e da filosofia da produção agroecológica e florestal.

Atualmente, a Associação é integrada por 16 comunidades, com uma base operacional na cidade de Capitão Bado, e uma área experimental distante cerca de 15 km que, além de concretizar o sistema, tem a função de informar e formar as crianças e jovens Guarani na perspectiva do fortalecimento da identidade e da construção da autonomia e sustentabilidade através da produção agroecológica.

Tendo como entidade parceira a Associação Pai Tavytera Rekopave, realizamos o projeto Olhares Cruzados em maio de 2012 com 25 crianças representantes das comunidades associadas, no Centro Experimental de Okenda, onde contamos com o apoio dos professores e lideranças locais, que nos auxiliaram nas oficinas de fotografia, redação de entrevistas e desenhos.

GUARANI KUÉRA OOME PE po(5) tetã guasu ko América do Sulpe: Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai ha Bolívia. O upépe mil comunidade ha o upépe hente ikatúne 300 mil. Pe Guarani Retã ha'e iñeypyrome upéichama voi akóima va'ekue upéi ooma ou ojejapo hi'ári estado nacionais.

Pe comunidade Pai Tavytera upépe ojejapo va'ekue kóa ko projeto mokói pote (26) mitã kuéra reheve, o hina pe município Capitão Bado, ojavóva fronteira, pe Coronel Sapucaia ova Brasilpe. Ombyaty upépe poapypa (80) pehague, upépe o hina 400 hente oiporúva pe yvy 508 ha. Pe região, ojeju háicha Brasilpe, ojejapo ramo guare demarcação oiko oñehundipa opa mba'e opiorava oiropa upépe mbaretépe umi colono karai kuérape ha'ekuéra ikokue.

Upe hárehe pe Associação Pai Tavytera Rekopave, ojapo va'ekue pe papoapy(18) ro'y, mba'éichapa oñemba'apo arã omopu'ã jevy ka'aguy , ha oñot haguã tembi'urã, ojejapo ñemongueta guasu reheve omombarete ñemba'apo Guarani kuérape, omopu'áva gueko ete guive, gueko ymã ha mba'éichapa oñemohesa mondo vape produção agroecológica ha florestal.

Ko'anga pe associação oome hina pe popate (16) comunidaádepe ojejapo hina ñensambyhy guasu Capitão Badogui, ha'e pete área experimental oñemomombýryva opytáva hina popa(15) km, omombaretese hina upe tembiapo, oguereko ave hembiaporã informa ha oforma mitã ha mitã guasu kuéra guarani ikatu haguã omombarete heko ete, ha omopu'ã pe autonomia ha sustentabilidade pe produção agroecológica rupive.

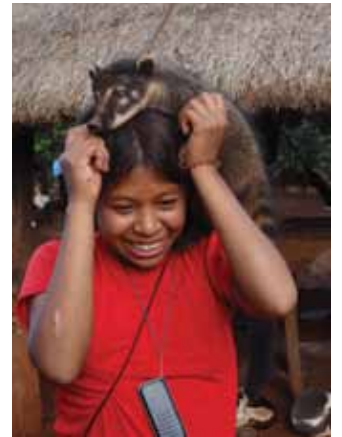
Oguereko pe entidade parceriape Associação Pai Tavytera, ojejapo Projeto Olhares Cruzadospe jasyo(maio) pe 2012pe, pe mokó papokó (25) mitã oúva opa comunidade asociadova, pe Centro Experimental Okenda, upépe roikotev mbo'ehára ha ñanderu mbarete rehe upepegua ore pytyvõ pe oficina de fotografia, jehai puku, ha ñeporandu ha ta'nga jegua.

CRIANÇAS DO CENTRO EXPERIMENTAL OKENDA

ADAN VELASQUEZ ALELI GOMEZ ANTONIO ESCOBAR ARECELI GOMEZ ARNALDO CACERA AURÉLIO SALINA CRISTINA RECALDE DOMINGA GARCETE DORALISE GOMEZ DORATEA CÁCERES EMILIA SOSA FIDELINA RECALDE ISIDRO VERA JAVIER BENITEZ LIZ GARCETE MÁRIO FERNANDEZ NELSON CACERES OLGA SOSA RAMIREZ OSMAR OLIVEIRA PAULINA SALINA RAMONA ESCOBAR SABINO TENGO SANTIAGO PERAUTA WILMA VELASQUEZ



REKOPAVE



A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA Pai Tavytera Rekopave está sediada em Capitão Bado, Departamento de Amambay no Paraguai, e abrange Canindeyú no distrito de Ypehu e San Pedro del Ycuamandyju no Distrito de Tacuati. Foi fundada em 1993, com base étnica Pai Tavytera Rekopave, e conta com uma longo histórico de lutas, reivindicações e regularizações de territórios ancestralmente ocupados pelos indígenas, com foco principalmente no desenvolvimento comunitário.

O âmbito das suas atividades são trabalhos dirigidos às comunidades indígenas Pai Tavytera, nos eixos agro-ecologia, meio ambiente, saúde e educação comunitária, fortalecimento organizacional, formação de lideranças e regularização das terras indígenas.

Seus principais objetivos estão focados no fortalecimento do desempenho e capacitação dos indígenas dessas comunidades, visando o desenvolvimento sustentável, e a organização dos Pai Tavytera Rekopave.

A administração da associação é composta por um Conselho Diretivo de 12 membros, eleitos a cada três anos, e formado por lideranças indígenas das 17 comunidades associadas. O coordenador geral é responsável pela tomada de decisões e o planejamento da execução dos projetos, que são discutidos com o conjunto dos associados e em acordo com os poderes que lhe concede o estatuto da entidade.

Desde a sua fundação a Associação Comunitária Pai Tavytera Rekopave conta com o apoio da Misereor, e vem implementando ações de formação social e capacitação técnica dos seus membros, visando melhorar a participação pública, a produção agroecológica, prevenção da saúde, e auxílio básico às comunidades associadas.

Em 1998 a Associação Pa Rekopave colocou em funcionamento o projeto de autogestão do Centro Experimental Agro-ecológico de Okenda, que foi

KO ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA Pai Tavytera Rekopave oim hína imáta Capitán Bádope Amambay Paraguáype, ha oipyhy kanyndejúpe pe distrito ypeh ha San Pedro del Ycuamandyju. Omoheño pe 1993 pe, Pai Tavytera Rekopave peguãrã, ha oguereko ipuku ñorairõ, ijerure ha omo porã pe tekoha guasu ymã guare oiporu va'ekue ñanderu kuéra, ha ojapo o porã haguã comunidade.

Ha'e hembiaipo ogueraha comunidade indígenape Pai Tavytera, pe omombarete haguã Agro Florestal, meio ambiente, tesãi ha ñembo'e ava mba'e, omombarete organizaçã, ojapo tendota ha omo porã kuation yvy rehegua.

Ha'e hembiaipo oim omombarete haguã umi capacitaçã rupive indígena pe comunidade oipota oho porã sustentabilidade, ha ñamo porã organizaçã dos Pai Tavytera Rekopave.

Administraçãopeassociaçãoo conselhodiretivo pe 12 membro, oñemo va pe mbohapy ro'ýpe, o avei tendota ava kuéra 17 comunidade o va upépe. Ogueraháva upe mba'e tekotev oipyhy ojehecha va'ekue oñembosako'i va'ekue ojapo haguã projeto oñemo porã va'ekue oñondive, omo háicha ichupe mbaretépe entidade.

Oñemo ramo guare pe associaçã comunitária Pai Tavytera Rekopave, oikotev MISEREOR ha ou oipykúi tembiaipo capacitaçã técnica o va upépe ikatu haguã imbarete haguã pe participaçã pública ojapo haguã pe produçã agro ecológica hesairã, ha avei imbarte haguã pe comunidade associada.

Pe ro'y 1998pe associaçã Pai Tavytera Rekopave omo oiko haguã pe projeto auto gestionável pe Centro Experimental



construído, desenvolvido e mantido com recursos próprios da etnia por cinco anos, quando passou a contar com a cooperação financeira externa da Oxfam Internacional, o que ajudou a melhorar a infraestrutura geral, fazer um alojamento para as mulheres, e na compra de ferramentas e equipamentos para o trabalho agrícola.

O apoio da Oxfam permitiu ainda a melhoria das instalações de albergamento do Centro Experimental de Okenda, e a capacitação de recursos humanos para a realização de cursos de formação para jovens, com o objetivo de proporcionar o sustento alimentar e a melhoria da qualidade de vida entre os Pai Tavytera Rekopave.

A tradição agrícola da comunidade indígena e a abertura para a incorporação de novas tecnologias e meios de produção vêm trazendo melhoria na qualidade de vida destas populações, fortemente amparadas na capacidade dos seus líderes políticos e religiosos reconhecidos pelas comunidades.

Aplicando um modelo de cuidados com a saúde, especialmente com mulheres grávidas e crianças, baseia-se na valorização da cultura e no respeito às características antropológicas próprias. Busca o fortalecimento da organização étnica Pai Tavytera, o amparo jurídico aos líderes das comunidades associadas, assim como a capacitação operativa e organizacional da etnia Pai Tavytera Rekopave no distrito de Capitão Bado.

Os principais eixos de atuação da Associação são:
Produção agroecológica – Capacitação de jovens indígenas provenientes de diferentes comunidades em Okenda, vem incentivando o cultivo de vegetais que assegurem o sustento durante todo o ano, mediante a incorporação de novas culturas agrícolas e frutíferas e de técnicas agroecológicas e de produção ictícola fortalecidas pelos saberes tradicionais,

Agroecológica de Okenda , oñemopu'ã va'ekue, ojejapo ha oiko recurso imba'égui pe etnia pe po(5) ro'y, oñepyr ojeko viru oka peguágui pe Oxfam Internacional oipytyvõ imbarete haguã pe infra estrutura geral ojapo óga oiko haguã kuña kuéra guóga tembiporu ha tembiporu omba'apo haguã kokuépe.

Oxfam ome' avei iporáva albergamento pe Centro Experimental Okenda, ha capacitação pe recurso humano ojapo haguã curso ombohosa ja'o jovens, ikatu haguã ome' sustento, ha heta tekotev porã umi Pai Tavytera Rekopave. Umi ava kuéra omba'apose kokuépe avei jeikotev tembiporu rehe ambue mba'éva ogueru mba'e iporáva umi hente kuérape, tuicha ojeko hendota kuéra rehe omombaretéva ichupe.

Omoehesa ichupe kuéra mba'éicha oñangareko hesãire umi kuña hyeguasú va'épe ha mitã kuéra, ombo'e ichupe kuéra mba'éicha ogueraháta gueko ha ombotee haguã iguata. Ogueru ave mba'éichapa oñe'oranzáta étnica Pai Tavytera, jurídico kuéra omombarete avei tendota umi comunidade oje'associava upépe, upéicha oñemombarete ha omba'apo Pai Tavytera kuéra Rekopave upe distrito Capitão Bado.

Ko'ápe o jekoha guasu mba'erepa ojeko ko associação.

Produção agroecológica - capacitação umi Pyahu kuéra pe 10 km javekue upe sedegui oúva omombarete oñemit haguã ikatu haguã oguereko ho'u haguã ro'y javekue, avei upépe omo ave ambue temit, yva kuéra ha mba'éicha ñamba'po kokue ka'aguýpe ha oproduzi haguã ictícola omombaretéva ichupe ñande arandu, ikatu haguã ogueraha ko'ã mba'e ambue

com a finalidade de replicar o modelo em outras comunidades. Incentivando sempre a autogestão e a cooperação solidária entre as comunidades, procuramos atendê-las na provisão de insumos básicos: sementes, ferramentas e assistência técnica necessária às famílias.

Saúde comunitária – é realizada a capacitação e atualização de agentes de saúde e parteiras, que estão habilitados a prestar os primeiros socorros, haja visto que algumas comunidades estão distantes cerca de 150 km de hospitais. Trabalhamos em sintonia com o hospital regional de Capitão Bado nas campanhas de vacinação, e nos programas de saúde do Ministério da Saúde do Paraguai.

Fortalecimento organizacional – com vistas a enfrentar as disputas de terra e conviver com os grupos sociais locais, brasileiros, brancos e narcotraficantes que atuam na região, é feito um trabalho de fortalecimento organizacional e capacitação das lideranças das comunidades associadas nas áreas de direito indígena nacional e internacional.

Em maio de 2012 o Centro Experimental Okenda, que capacita em educação básica e práticas agroecológicas alunos provenientes das distintas comunidades da Associação, local onde são realizadas diferentes experiências de intercâmbio, reconhecendo a importância do projeto Olhares Cruzados, acolheu a equipe do projeto, que realizou oficinas de fotografia, entrevistas e desenho com 25 meninas e meninos.

Este trabalho foi acompanhado por líderes políticos e religiosos da Associação, e visou proporcionar o intercâmbio de saberes entre os Pai Vavytera Rekopave com outras crianças da etnia Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul no Brasil.

Rodrigo Salomón Ramirez Rojas
Coordenador geral da Associação Pai Vavytera Rekopave

tekohápe. Omombáy ohóvo ikatu haguã opu'ã haguã oñondivepa umi comunidade kuéra, ome'õ haguã insumos básicos, temitõ, tembiporu ha ombo'e haguã mba'éichapa ñamba'apóta peheguõ ndive.

Tesãi Comunitária: ojapo capacitação ha capacitação umi agente de saúde ha parteiras, o'va ojapo haguã primeiro socorro, o'gui comunidade mombyry eterei 150 km hospitalgui omba'apo oñondive hospital regional ndive pe Capitão Bado, o'jave campanha de vacinação ha programa pe saúde pe Mistério da Saúde Paraguaipegua.

Fortalecimento Organizacional: ikatu haguã roñorairõ vyrehehápe ha roiko haguã grupo sociais locais brasileiros, morotõ va ha narcotraficantes oikóva pe regiãope, ha ojejapo pete'õ tembiapo fortalecimento organizacional ha capacitação umi liderança comunidades associadas pe área de direito indígena nacional ha internacional.

Maio de 2012 pe Centro Experimental okendape ocapacitáva pe educação básico ha prática agroecológica pe mbo'evy oúva opa hendágui membro da associaçãova, upepe ojejapóva heta experiência ha intercambio, ohecha iporãha pe projeto Olhares Cruzado omoguãhõ pe equipe projeto pega ha ojapo oficina de fotografia, ñeporandu ha ta'anga jegua pe 25 mitã kuña ha mitã kuimba'e.

Upe tembiapo o'va ave upépe tendota ha ñanderu pe associação, ha oipota ojapo intercambio pe arandu Pai Vavytera Rekopave pega ambue mitã Guarani Kaiowá Mato Grosso do Sul Brasilpegua.

Rodrigo Salomón Ramirez Rojas
Coordenador geral da Associação Pai Vavytera Rekopave

Terra

Meu nome é RAMON RECALDE, tenho 56 anos e sou liderança da comunidade. Essa é a minha casa. Eu sou o líder político.

Para que as árvores voltem a crescer, temos que cuidar, e não fazer queimadas. Se queimamos, é certo que o Monte vai terminar. Para crescerem bem as plantas ali fora, temos que deixar passar um pouco o tempo e depois voltar a semear. Temos que deixar aproximadamente por 2 anos.

Foi em 1973 que eu primeiro me casei e preparei neste lugar a minha casa. Já faz muito tempo. Esta comunidade inclusive tem titulação. Esta comunidade tem 510 hectares.

Me alegra muito que o grupo de vocês venha à minha casa. Me alegra muito, e agradeço por visitarem-me. Eu estou muito feliz em recebê-los na minha casa. Obrigado.

Che réra ha'e RAMON RECALDE, aguereko 56 ro'y ha che ave tendota ko comunidádepe. Kóa che róga. Che ha'e líder político.

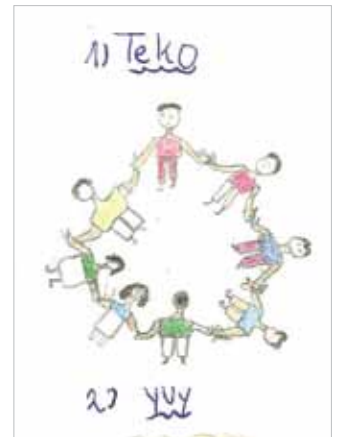
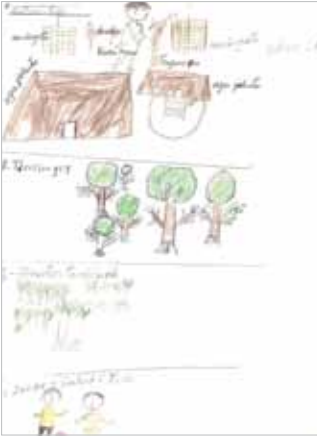
Yvyra okakuaa jevy haguã, tekotev□ ñañangareko, ndaikatúi jahapy. Jahapy ramo ikatúne pe yvy aturu opáne. Okakuaa porã haguã temit□ pe okáre, tekotev□ jaheja ohasa ára ha upéi katu ñañemit□ jevy, tekotev□ jaheja mokói ro'y rupi.

Pe 1973 pe che amenda va'ekue ha ajapo ko'ápe che rogarã. Heta ro'yma ahasa. Kóa ko comunidade oguereko titulaçãõ. Ko ko comunidade oguereko 510 hectare.

Che mbovy'a eteri ko grupo ou haguére che rógape. Che mbovy'a ha atima che mbovío haguére. Che avy'a eteri aporecebe haguére che rógape, atima.



REKOPAVE



Cultura

Eu me chamo ANSELMO BARRIOS, não me esqueço da minha cultura. Hoje, vêm outros, que não são de nossa cultura, também querem conhecê-la. Nossos irmãos. Nossos irmãos também querem saber sobre nossa cultura, e também estão muito felizes com ela. Estão presentes aqui e vêm me visitar hoje. Eu não sabia que seria visitado hoje, mas aqui está minha cultura.

Os filhos novos dos Paᑭ, quase a maioria já não conhece a sua cultura anterior. E os mais velhos não podem viver para sempre. Os sábios precisam ter um fim, têm um fim. E os novos devem praticar e buscar sua cultura, para que permaneça outra vez, como antes. Os papéis que se estudam são dos brancos. Nossa cultura é oral, é de oralidade. Nossa cultura, hoje neste novo mundo, é minoria, vai se acabar. Mas eu ainda não esqueci da minha cultura. Quando chove, tem uma oração que fazemos. Quando chove, ou há mal tempo, nós temos uma oração para nos proteger. Nossos irmãos agora vêm do Brasil para saber nossa cultura, para ampliar a cultura desde a sua origem. Vou fazer a oração, um pouco curta, para que vocês escutem o que não conhecem ainda, uma oração Paᑭ.

Estou fazendo a oração, e hoje em dia muitos jovens já não querem escutar sobre sua cultura. E temos que encontrar uma estratégia para voltar a fortalecer nossa cultura. Porque quando se fala em papel, nossa cultura não é do papel, é da oralidade. Os sábios já são poucos nesta comunidade. É preciso investigar para sabermos outra vez nossa cultura. Para alguns, é a primeira vez que veem essas coisas, ainda que sejam eles mesmos filhos dos Paᑭ, é a primeira vez que veem como se faz. Alguns querem escrever a nossa cultura em papel, mas nossa cultura não fica no papel, nossa cultura fica na nossa mente e em nosso ser Paᑭ. Aqui na nossa comu-

Che réra ANSELMO BARRIOS, na che resaráiri che reko etégui. Ko'anga rupi ou ambue ndaha'éiva ñande reko pegua, avei oikuaase. Ñane irᑭnguera. Ñane irᑭ kuéra oikuaase ñande reko rehegua, ha ovy'a eteri hendive kuéra. Oᑭme hikuái ko'ápe ha ou che mbovío ko'anga. Che ndaikuaái kuri outaha che mbovío kuri, ko'ápe ou che reko ete.

Ñande ra'y pyahu Paᑭ mba'e, haimete ndoikuaa vei heta ymã guare. Ha ymã guare ndaikatúi oiko akóipe. Iñarandúva oikotevᑭ ipaha rehe, oguereko ipohã. Ha umi pyahu tekotevᑭ ojapo ha ogueru heko ete. Ikatu haguã opermanece ymã guaréicha. Umi kuatia jaiporúva karai mba'e. Ñane reko ñañe'ente voi. Ñande reko ko mba'e mundo pyahúpe, ha'e ikangy ha'e opáta ohóvo. Upe háre che ndacheresaráiri che rekógui. Oky jave oᑭ opurahéi haguã. Oky jave ou jave amã vai aguereko purahéi upéape guārã ñande proteje haguã. Ñane irᑭ kuéra ou Brasilgui oikuaa haguã ore reko, ombotuicha haguã ore reko iñeypyrᑭ guive. Añembo'éta mbyky peᑭme peᑭ pehendu haguã ndoikuaáivape, mba'éichapa oñembo'e Paᑭ.

Añembo'e hína ko'anga rupi heta pyahu kuéra, ndoipota véima ñande reko. Tekotevᑭ jatopa mba'éichapa ñamombaretéta ñande reko. Ja'e ramo kuatiáre ha'e ñane ñe'ᑭ. Umi oikuaáva ndaheta véima ko comunidadedepe. Tekotevᑭ jaha jagueru jevy jaikuaa haguã ñande reko. Heta héntepe ohecha ramo ko'áva ha'e ramo jepe Paᑭ kuéra ra'yre ohecha ramo mba'éichapa ojejapo ko'áva. Oᑭva ohaise kuatiáre ñande reko, ñande reko ndopytái kuatiáre, nande reko opyta ñane akäre ha ñande rete Paᑭ rehe. Ko ñande comunidadedepe, ojekuaa va'ekue ñanderu Paᑭ. Ñande reko roguerekóva voínte ñane akäre ha jaguereko ramo ñane akäre osᑭ ñande jurúrupi.

Ko'ápe aguereko Paᑭ rembiporu, hupi ohenóᑭ yvytu,



nidade, houve uma primeira aparição do deus dos Pa. Nossa cultura sempre temos em nossa mente, e o que temos em nossa mente é porque saiu de nossa boca.

Aqui eu tenho os instrumentos Pa, e com eles chamamos o vento, chamamos o dia. É preciso fazer a redenção de nossa cultura. Aqui, nós dizemos: essa é a casa da cultura. Já faz algum tempo que dizemos: ... se chama nossa cultura. Quem é que fez da primeira terra o mundo, o universo?

Vou te mostrar como foi que apareceu a primeira terra no universo. Aqui está a terra, ou seja, o instrumento do deus do universo. Traz em seu peito uma cruz, e embaixo de uma cruz começa a orar. O deus do universo tem todos os elementos. Aqui, vou te mostrar como começa o deus do universo a fazer a primeira terra do universo. Assim nosso deus na primeira criação da terra. Para criar a primeira terra no universo.

“...” é o vento apontando ao Sul, ou seja, o vento-sul. Deus cria a primeira terra e também as outras coisas para existirem na terra, como os animais, mas primeiro vem a terra. Uma vez que faz sua oração, a terra se expande. Quando ora, também faz sua redenção, e isso sempre engrandece mais a terra, essa terra que nasce nestes tempos. Assim nasce a primeira terra do universo. Assim criou o deus do universo criou a primeira terra para seus filhos e para os Pai. Essa oração de criação do universo quase a maioria das crianças e jovens já se esqueceu. Por isso, quase terminou nossa cultura, mas voltamos a buscá-la para fortalecê-la em nossos dias. Então assim o deus do universo criou a primeira terra, de uma cruz. E foi para o oeste, para o sul e para o norte; e quando alça sua mão, a terra se engrandece a cada dia. Agora, os jovens se acostumaram, para investigar sua cultura, trazer o álcool dos brancos, dos outros. Nosso álcool é feito de milho, de cana-de-açúcar, de mandioca, e quando o tomamos sempre oramos e somente dançamos. Agora, este outro álcool, o dos brancos, ele restringe a cultura dos Pa. Há jovens que riem de sua cultura, porque não sabem como era antes o universo. Mas eu, como Pa, não

ohenó ko. Tekotev ñamo porã ñande reko, ko'ápe ore ro'éva: ko'ápe ore reko renda. Aréma rojapo ro'e hague...hérava ñande reko. Mávapa ojapo iñeypyrpe yvy, yvaga?

Amombe'uta pe me mba'éichapa ojekuaa iñeypyrpe yvy ha yvaga. Kóa ko yvy ha'e ñanderu guasu rembiporu o'va yvágape. Ogueru ipyti'ápe pete kurusu ha pe kurusu guýpe oñeypyr opurahéi. Ñanderu guasu oguereko paite opa mba'e. ko'ápe aikuav'ta mba'éichapa iñeypyr ñanderu guasu yvagapegua ojapo yvy iñeypyr yvy ha yvaga. Upéicha ñanderu iñeypyrpe ojapo yvy. Ojapo haguã yvy ha yvagarã. Upéicha omopu'ã ipo kuarahy reike kotyo-ao oeste.

“...”ha yvytu ochuka-sul kotyo-ha'ese vento sul. Ñanderu ojapo yvy iñeypyr, avei opa mba'e oiko haguã yvy ári, mymba kuéra, iñeypyrpe ou yvy. Oñeypyr opurahéi yvy oho ojera. Oñembo'e jave omo porã pe yvy, upéicha ramo akói ombotuichave pe yvy, kóa ko yvy oikóva ko tiempope. Upéicha oiko iñeypyrpe yvy ko yvágape. Upéicha ojapo ñanderu yvága ha yvy iñeypyrpe ita'ýra kuérape ha Pa kuérape.

Péa pe ñembo'e pe yvy iñeypyr pegua haimetéma umi mitã ha mitã guasu kuéra ndoikuaa véima. Upéichagui haimetéma opa ñande reko, upe háre jaha jagueru ikatu haguã ñamombarete ko'anga rupi. Upéicha ñanderu guasu ojapo yvága ha yvy iñeypyrme, pete kurusúgui. Ha oho kuarahy reike kotýo (oeste), ro'y rape kotýo(sul), ha oho ñande renonde kotýo (norte): ohupi jave pe ipo yvy akói okakuaave opa árare. Ko'anga mitã guasu kuéra, oikuaa se jevy, ojeporeka ñende reko rehe, ogueru karai kagu (álcool). Ñande kagu oiko avatígui, takuare'gui, mandi'ogui, ha jai'u ramo japurahéi katuete ja jajeroky ave. Ko'anga ko ambue kagu, karai kuéra mba'e, omomichi Pa kuéra reko. O mitã guasu kuéra oñembohory ñande reko rehe ndoikuaáigui mba'éichapa ymã iñeypyrme yvaga. Che Pa ramo nacheresarai mo'ái che rekógui. Aháta agueru amombarete haguã ha ambohasa ñane remiariröpe, ñande ra'ýpe ha mita guasu kuérape omeva ko'árupi ko'anga o ramo oikuaaséva ñande reko rehegua, tou

vou esquecer da minha cultura. Vou buscar fortalecê-la, e passar para os nossos netos, nossos filhos e aos jovens que estão aqui hoje em dia. Se alguém quiser saber da cultura, pode vir à minha casa, essa é nossa casa, para conhecer as coisas de nossa cultura. Essa é nossa cultura, e no Paraguai ela ainda não terminou, ela ainda está.

Faz um ano, eu me queimei com fogo, e fui até Assunção para me tratar. E convidei todos os brancos, crianças e adultos, os convidei.

katu che rógape , kóa che roga oikuaã haguã opa mba'e ñande reko rehegua. Ko'áva ha'e ñande reko , ko Paraguái ha'e ndopái gueteri ome gueteri ha'e.

Ojapóma pete ro'y, che akái hague aha assunçãope Paraguái ajetrata. Akonvisa mayma karai kuéra, mitã ha tuicháva aconvida.



Alimento

D. CERAFINA LEZCANO

O “apicupu” normalmente se planta no mês de setembro. O “apicupu” se planta com porotos. A terra em que se planta, precisa... primeiro para plantar, e é preciso plantar o “apicupu” com poroto. E depois quando vem a colheita, antes de colher é preciso... de novo. Para começar a comida, é preciso...

O milho grande se planta entre janeiro e agosto.

É preciso... a terra no mês de janeiro.

Quais são as plantas tradicionais dos Pa?

Cumandaguazu, porotos grandes, zuperi, manteca – estas são as plantas tradicionais dos Pa. Agora já é muito difícil encontrar as plantas tradicionais dos Pa. Os jovens, os novos Pa, a maioria não plantam as plantas tradicionais, só a minoria, em cada comunidade.

DONA CERAFINA LEZCANO

Pe “apicupu” ha’e reñot arã ichupe jasy porundýpe (setembro). Pe “apicupu” reñot arã “porotoa”. Pe yvy reñot hagua oikotev... iñeypyr reñot haguã tekotev reñot pe “apicupu” pe “porotoa”. Ha upéi ou jave colheita, rekolheta jave... jevy.

Rejapo haguã tembi’u, tekotev...

Avati morot reñot haguã tekotev jasytepe (janeiro) ha jasyoapýpe (agosto) tekotev... yvy pe jasytepe.

Mba’éichagua temit Pa mba’e?

Kumanda guasu, porotos tuicháva, chuperi. Mantega. Umi va’e temit ete Pa mba’e. ko’anga rupi hasýma jatopa haguã temit ymã guare Pa mba’éva. Mitã guasu kuéra, Pa pyahu kuéra, noñot véima hikuái ymã guare temit, ndahetái voi ova oñotva pe comunidádepe.





Educação

Meu nome é PABLO GARCETE, tenho 44 anos. A minha comunidade se chama Pai Tavytera.

Não faz muito tempo que os Paḥ estão na escola, porque até um tempo atrás não existia escola. Por isso, eu mesmo não entrei na escola. Mas hoje, todos na minha família já foram para a escola, todos, mulheres e homens, já estão lá, para aprender a educação de fora.

A escola é uma coisa nova para os Paḥ, especialmente para nós que somos analfabetos. No meu tempo, não havia escola, e por isso eu não estudei. Agora sim, já conseguimos esta parte, porque minha família toda já entrou na escola. Quando terminam a sexta série, já podem saber coisas em proveito de cada família.

Eu não fui à escola, mas aprendi o meu nome, que eu posso assinar. A educação aqui se aprende em casa, com a mãe, o avô e a avó. A partir de agora, as famílias já sabem escrever, ler, já sabem a educação branca.

Toda minha família está na escola. Somente eu não sei ler, mas toda minha família já sabe, ler, escrever, tudo. A escola, ou seja a educação branca, não faz muito tempo que os Paḥ conhecem. Faz poucos anos, como 8 ou 9, que algumas comunidades conseguiram uma escola do Ministério da Educação e Cultura. Eu não sou mais que analfabeto, digo mais uma vez. Eu não sei ler, mas minha família sabe ler e escrever.

Tenho três filhos, ainda pequenos, e os três já começaram a estudar.

Che réra ha'e PABLO GARCETE, aguereko 44 ro'y. Che comunidade oñehenó Pai Tavytera, nda'aréi ete umi Paḥ Kuéra ome haguã mbo'erógape, nda'aréi ndaipóri va'ekue mbo'eróga. Upéichagui che voi ndaikéi mbo'erógape. Ko'anga rupi umi che peḥgue kuéra ohóma mbo'erógape, mayma guive, kuña ha kuimba'e, oiméma upépe, oikuaa haguã ñembo'e okapegua.

Mbo'eróga ha'e mba'e ipyahúva Paḥ kuérape, oréve ndoroikuaáiva kuation jehai, che rapykuerépe ndaipóri va'ekue mbo'eróga upéagui che ndaikéi upépe. Ko'anga rupi oima rokonseguíma umi mba'e, che peḥgue kuéra oikéma upépe mbo'erógape. Omboapy jave pe sexta série, ikatúma oikuaa mba'e oipytyvõ haguã ipeḥgue kuérape.

Che ndahái va'ekue mbo'erógape, upe háre aikuaa che réra, ikatúne ahai.

Pe ñembo'e ko'ápe oikuaa hógape, isy ndive, ijari ndive. Ko'anga rupi, ipeḥgue oikaáma ohai haguã, omoñe'ḥ haguã, kuation oikaa karai reko.

Che peḥgue oimemba mbo'erógape. Che año ete namoñe'ḥi kuation, che pehegue kuera oikuaa, omoñe'ḥ, ohai.

Mbo'eróga, terã karai ñembo'e, nda'aréi ete umi Paḥ kuéra oikuaa. Kokuehete ro'y, terã 8 terã 9 ro'y oima comunidade oipyhy mbo'eróga pe Ministério pe Educação ha Cultura.

Che ndaha'úi ndaikuaáiva ahai, ha'e jevýta peteḥ jevy, namoñe'ḥ kuaái kuation, terã che peḥgue omoñe'ḥ ha ohai. Aguereko mbohapy che ra'y, michḥ gueteriva, ha mbohapy oñepyrõma o'estuda.



Saúde

Meu nome é ANDREZA GARSETE. Não sei bem o ano em que nasci, mas devo ter uns 58 anos. Nasci e fui criada aqui.

As pessoas aqui têm, no meio natural, dores de cabeça e febres. Também têm dores na cintura, devido ao meio natural, e para tudo isso temos... unguentos para curar a gente que está enferma, em sua cintura ou em sua cabeça. Para a dor de dente também temos um remédio que cura. Também sei fazer esse remédio.

Minhas filhas, quando estão grávidas, já não vivem com suas famílias. Vêm viver comigo, porque eu sei o atendimento necessário para a mulher grávida, para nascer o bebê. Tenho, perto da minha casa, minha filha, que já faz 7 dias que o bebê nasceu e está comigo. As mulheres grávidas daqui, na hora do parto, nunca vão ao hospital. É somente comigo, eu sei o procedimento e o remédio para isso. Há outras amigas, mães, esposas, que também é comigo que nascem seus bebês. Parece que são 50 crianças que ajudei a parir. Tem muitas crianças que nascem comigo. Eu sou uma parteira profissional, para o nascimento dos bebês. Tenho 4 filhos, dois morreram e dois estão comigo, aqui, vivos. Na minha família, pari todos em casa, todos comigo, nunca fui ao hospital. Nunca levei ao hospital os meus filhos.

Eu aprendi com a minha mãe a ser parteira. Eu comecei com ela... foi ela que sempre me contou dessas coisas, e por isso eu sei tudo isso. Eu não uso instrumentos para fazer o parto, somente vejo o... e nada mais. Isso é tudo o que eu faço, eu sei ver... e sei que o parto não vai demorar muito, o bebê já vai nascer. Porque presto atenção nisso, deixo a pessoa, e o bebê já pode nascer.

Che réra ha'e ANDREZA GARSETE. Ndaikuaa porái mba'e ro'y pepa aiko hague, ome aguereko 58 ro'y. aiko akakuaa hague ko'ápe voi.

Hente ko'ápe o, ka'aguy pa'ome, iñakã rasy ha iñakã nundu. Oguereko ave iku'a rasy, ijerekuégui mayma umía oguereko... ambyaku aku amboguera haguã hente hasýva, iku'a ha iñakã rasýva.

Ta rasy peguãra aguereko pohã omboguera haguã aikuaa ave ajapo haguã pe pohã.

Che memby hye guasu jave ndoiko véi ipehgue ndive. Ou oiko haguã che ndive, che aikuaágui añangareko haguã kuña hye guasúva ndive oiko haguã mitã. Aguereko che róga kótare, che memby, oguerékoma 7 ára oiko hague ha ome che ndive.

Kuña hye guasúva ko'ápe, parto jave, ndohói hikuái hospitalpe. Che ndivente voi, che aikuaa mba'éichapa ha pohã upearã. O ave che amigo, che sy, che ir, avei che ndive oiko va'ekue ita'ýra kuéra.

Ome 50 mitã aipytyvõma oiko haguã. O heta mitã oiko va'ekue che ndive. Che ha'e parteira profissional, oiko haguã mitã.

Aguereko 4 che memby, mokó amano ha mokó ome che ndive, ko'ápe, oikove.

Che pehgue, amongo ko ógape voi, che ndive voi ndohóiva voi hospitalpe.

Ndagueraháiva hospitalpe che memby. Che aikaa che sy ndive voi parteirará. Añepyr hendive. Ha'e akói va'e voi che mbo'e ko'áva rehegua, upéagui aikaa che.



AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de deixar aqui uma carinhosa homenagem ao professor Antônio Brand, indigenista, historiador e incansável lutador pelos direitos dos Guarani Kaiowá, que em 14 de junho entre seus últimos escritos enviou-nos a mensagem de abertura desse livro, poucos dias antes do seu falecimento em 3 de julho de 2012.

Agradecemos primeiramente aos estudantes que participaram do projeto, aos pais, mães e familiares dessas crianças tão belas, que com sua inteligência e esperança iluminam o futuro dos Guarani Kaiowá, Nadewa e Pai Tavytera, e da nação brasileira e América Latina.

Nosso reconhecimento aos nossos parceiros desta iniciativa: Carlos Castro, Renata Costa e Ione Nascimento do Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento); Egon Heck; irmã Joana Ortiz; Geraldo Alkmin; Flávio Vicente Machado, do CIMI (Conselho Indigenista Missionário); ao amigo Spensy Pimentel, que nos apoiou durante o processo de construção desse trabalho.

Nosso respeito ao Carlito do Passo Piraju e à todos os membros do Conselho Aty Guasu, que pela sua legitimidade e luta, são a legítima representação dos povos Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul.

Foram fundamentais as contribuições dos professores indígenas Eliel Benites, Tonico Benites, Anastácio Peralta e Rodrigo Ramirez, das autoridades, companheiros e amigos que escreveram textos para esse livro.

Em todas as comunidades por onde passamos contamos com o apoio e a colaboração de entidades e pessoas das quais somos imensamente gratos e que sem as suas contribuições não seria possível a realização desse projeto:

PANAMBIZINHO – Lideranças Valdomiro Aquino, Pedro Severino, seu Nelson (o guardador das cruzes), rezador Jairo Barbosa, agentes de saúde Reginaldo Aquino e Samuel Aquino, CNPI Anastácio Peralta, Maria Leda Vieira de Sousa (consultora do Pnud), viveirista Leide da Silva Pedro, agricultor Donisete Mariano, João Ver-

cídio, Nailton Aquino, Mizael, d. Arda, d. Rosalina, Roseli Jorge Conciánza, d. Alice Pedro, d. Ivone Argemiro Jorge, diretor Laucídio Ribeiro Flores, coordenador pedagógico Anardo Conciánza, Abrísio, e a todos os professores da Escola Indígena Pai Chiquito-Chiquito Pedro. Às senhoras Neuza Alziro e Ivone Jorge Aquino pelo apoio integral.

TE'YIKUE – Cacique Lídio Sanches, Isael Almeida Quevedo, Emiliano, irmã Lucinda Moretti, Niria Cavalheiro, Epitácio Mendes, d. Celina, seu Ancelmo, d. Rosineide, Eliel Benites, Elivelton, Devanildo Ramires do Ponto de Cultura Teko Arandu, d. Orilete, Eduardo do posto de saúde, diretor Lídio Cavana, d. Nércia, d. Olívia, professores Renata, Rosileide Barbosa de Carvalho, Edson Alencar, Nilton Ferreira Lima, Onésia, Newton, Jerusa Cariaga.

KURUSU AMBÁ – Lideranças comunitárias e membros da comunidade, Smart, Eliseu, Leonel, Noé, Adelino, Rosalino, Inocência Pereira, Bernabé, Eliude, d. Alzira, Misael, d. Madalena.

PAI TAVYTERA REKOPAVE – Asociación Pai Tavytera Rekopave, Centro Experimental Agroecológico Oken-da, Rodrigo Ramírez (coordenador), Edelio Esteche (administrador), Robert Cabrera (técnico agrícola), professores Nelson Benitez e Eliseo Torales, Ramon Recalde, Paulo Garcete, Nelia Recalde, d. Leonida Salinas, d. Andrésa Garcete, d. Cerafina Lezcano, cacique Anselmo Barrios.

Nosso agradecimento a todos aqueles que nos acolheram e apoiaram nas aldeias de Panambizinho, Te'yikue, Kurusu Ambá e Pai Tavytera Rekopave, que não tenham sido aqui nominalmente citados.

E finalmente, um carinhoso muito obrigada do “general” à nossa incansável equipe: Rosa Gauditano, Nilton Pereira, Aline Magna, Christian Knepper, e Joana Ortiz, que com alegria e bom humor ajudaram a solucionar as dificuldades que surgiram no caminho. E também a Mayra Leite, Rebeca Ávila, Pedro Goldgrub, Mariana Rocha que nos ajudaram na produção e organização dos materiais.

AGRADECIMENTOS

Ahejase ko'ápe ñemandu'a ha jehaihu mbarete mbo'ehára Antonio Brandpe, omba'apóva ava kuera ndive, marandeko mombe'uha naikane'õiva oñorairõ Guarani kuera rehehápe, pe 14 de jasyote pe ipaháma ohai ogueru uka va'ekue jahai ñe' rory porã ko kuatia ñe'pe omano' mbovyve pe 3 jasypokóipe pe ro'y 2012 pe.

Atimã iñeypyrme oñemo'arandúvape ome va'ekue omba'apo ko projetope, túa kuérape sy ha pehgue kuéra o hápe mitã porã kuéra, pe iñeha'arõ pópe ha iñaradúpe omohesakã pe gu nonderã umi Kaiowá ha Guarani, Ñandéva, Pai Tavytera, ha ko Brasilpegua ko América Latinape.

Ñamomba'e guasu ave ñane iranguéra ko projetope: Carlos Castro, Renata Costa ha lone Nascimento Pnud pegua- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Egon Heck, Irmã Joana Ortiz, Geraldo Alkmin, Flavio Vicente Machado pe CIMI pegua-Conselho Indigenista Missionário: ñane irame Spensy Pimentel ore pytyvõ va'ekue ko rojeto oñemopu'ã jave.

Romomba'e guasu ave Carlitope Passo Piraju pegua, ha mayma Conselho Aty Guasu pegua, pe imbarete háicha ha oñorairõva, ha'e ohepresenta porãva ko povo Guarani Kaiowá ko Mato Grosso do Sulpe.

Iporã eterei ave ore pytyvõ va'ekue mbo'ehára ava Eliel Benites, Tonico Benites, Anastacio Peralta ha Rodrigo Ramires, umi mburuvicha, ñane ir ohai va'ekue ko kuatia ñe'pe.

Opa tekoha rupi rohasa hague rupi, roikotev kuri ñepytyvõ pe entidade rehe ha hetãre upe háre tuicha rotima, upe ñepytyvõ rehe ndaikatu mo'ãi kuri oiko ko projeto.

PANAMBIZINHO – Tekoha Valdomiro Aquino, Pedro Severino, Nelson oñogatúva kurusu, oporahéiva Jairo Barbosa, agente de saúde Reginaldo Aquino ha Samuel Aquino, CNPI Anastacio Peralta, Maria Leda Vieira de Souza consultora PND pegua, omba'apóva viveirope

Leide da Silva Pedro, kokuépe omba'apóva Donisete Mariano, João Vercidio, Nailton Aquino, Mizael, D.Arda, D, Rosalina, Roseli Jorge Concianza, D. Alice Pedro, D. Ivone, Argemiro Jorge, diretor Laucidio Ribeiro Flores, coordenador pedagógico Arnaldo Concianza, Abrisio ha mayma mbo'ehára escola indígena Pai Chiquito-Chiquito Pedro, senhora Neuza Alziro ha Ivone Jorge Aquino ore pytyvõ mbarete haguere.

TE'YIKUE – Ñanderu Lidio, Isael Almeida Quevedo, Emiliano, irmã Lucinda Moretti, Niria Cavalheiro, Epitácio Mendes, D.Celina, seu Ancelmo, D.Rosineide, Eliel Benites, Elivelton, Devanildo Ramires pe Ponto de Cultura Teko Aransu pegua, D. Oride, mbo'ehára Renata, Rosileide Barbosa de Carvalho, Edson Alencar, Nilton Ferreira Lima, Olézia, Newton, Jerusa Cariaga.

KURUSU AMBÁ – Tendota upepegua ha comunidade, Smart, Eliseu, Leonel, Noé, Adelino, Rosalino, Inocência Pereira, Bernabé, Eliúde, D.Alzira, Misael, D.Madalena.

PAI TAVYTERA REKOPAVE – Associação Pai Tavytera Rekopave, Centro Experimental Agroecológico Okenda, Rodrigo Ramirez-Coordenador, Edélio Esteche, Administrador, Robert Cabrera, Técnico agrícola, mbo'ehára Nelson Benitez ha EliseoTorales, Ramon recalde, Paulo Garcete, Nelia Recalde, D. Leonida Salina, D. Andresa Garcete, D. Cerafina Lezcano, ñanderu Ancelmo Barrios.

Rotima ete ave mayma ore mbotee va'ekue ha ore mombarete pe tekoha Pambizinho, Te'yikuepe, Kurusu Ambápe ha Pai Tavytera Rekopav, ndojehairi ramo jepe ko'ápe héra.

Ipahápe, atima che py'a guive pe “general” pe ñande iranguéra ikane'õ va, Rosa Gautitano, Nilton Pereira, Aline Magna, Christian Knepper ha Joana Ortiz pe torype ha jepukápe oipytyvõva omo porã pe mba'e hasýva rojohúva pe tape pukúpe. Avei mayma Leite, Rebeca Avila, Pedro Goldgrub, Mariana Rocha ore pytyvõ va'ekue ojapo ha omo porã haguã ko'ã tembiapo.

OLHARES CRUZADOS GUARANI KAIOWÁ - PAI TAVYTERA / BRASIL PARAGUAI

Coordenação, concepção e edição de fotografia

Dirce Carrion

Realização

OSCIP Imagem da Vida

Pnud – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Parceria

PC SAN – Programa Conjunto de Segurança Alimentar e Nutricional de Mulheres e Crianças Indígenas no Brasil

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

Apoio

MDG-F – Pnud – FAO – OIT – OPAS – Unicef – Governo Brasileiro

Fotografias

Rosa Gauditano, Christian Knepper, Dirce Carrion

Crianças das Aldeias Guarani Kayowa de Panambizinho, Te'yikue e Kurusu Ambá no Mato Grosso do Sul, Brasil

Crianças da Aldeia Guarani Pai Tavytera de Rekopave, Capitão Bado, Paraguai

Entrevistas e desenhos

Crianças Guarani Kaiowá e Pai Tavytera

Direção de arte e diagramação

Ana Basaglia

Versão para o Guarani

Eliel Benites

Revisão de textos

Fernanda Spinelli

Digitalização e tratamento de imagens

Edson Silva, Mayra Leite, Pedro Goldgrub

Impressão e acabamento

Arvato Gráfica

Vídeo documentário do projeto

Nilton Pereira

Oficinas na aldeia de Panambizinho

Dirce Carrion, Leda Vieira de Souza, Nilton Pereira, Rosa Gauditano

Oficinas na aldeia de Te'yikue

Dirce Carrion, Jerusa Cariaga, Nilton Pereira, Rosa Gauditano

Oficinas na aldeia de Kurusu Ambá

Dirce Carrion, irmã Joana Aparecida Ortiz, Nilton Pereira, Rosa Gauditano

Oficinas nas Comunidade de Rekopave

Aline Magna, Christian Knepper, Dirce Carrion, Nilton Pereira

Equipe Pnud

Carlos Ferreira A. Castro

Ione Santos do Nascimento

Renata Oliveira Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Olhares Cruzados Guarani Kaiowá : Pai Tavytera : Brasil Paraguai = Panambizinho Te'yikue Kurusu Ambá Rekopave / [coordenação, concepção e edição de fotografia Dirce Carrion ; versão para o guarani Eliel Benites]. -- São Paulo : Reflexo Texto e Foto, 2012. -- (Olhares cruzados ; v. 10)

Vários colaboradores.

Vários fotógrafos.

Edição bilíngue: português/guarani.

ISBN 978-85-88120-10-5

1. Brasil - Relações culturais - Guarani Kaiowá (Brasil)
2. Crianças - Brasil 3. Crianças - Fotografias 4. Crianças - Paraguai 5. Paraguai - Relações culturais I. Carrion, Dirce. II. Série.

12-13778

CDD-303.482892
-303.482679081

Índice para catálogo sistemático

1. Brasil : Relações culturais : Pai Tavytera : Paraguai 303.482892
2. Pai Tavytera : Paraguai : Relações culturais : Brasil 303.482679081



Todos os direitos reservados

IMAGEM DA VIDA

Al. Rio Claro, 137/22, Bela Vista, São Paulo, SP, 01332-010, Brasil
Telefone (55 11) 3266-4711

www.imagemdavid.org.br



Homenagem a todos que deram
a vida na luta pelos direitos

dos Guarani, entre eles

SePé TIARAJU,

MARCEL De SOUZA TuPã'y,

SAMUEL MARTINS, MARCOS

VERON, DORVAIINO ROCHA,

DORIVAL BenITeS, XuITe IOPeS,

ORTIZ IOPeS, ROIINDO VeRA,

GenIVAIDO VeRA, NÍSIO GOMeS,

zezINHO De AlMeIDA.

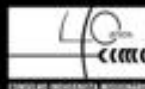
Esta terra tem dono. Yvy ñane mba'e voi.
Sepé Tiaraju



REALIZAÇÃO



APOIO



PARCERIA

